

...MARÃES

O

INDIO AFFONSO



LIVRARIA GARNIER

RIO DE JANEIRO

O INDIO AFFONSO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

O Seminarista, romance brasileiro, 1 v. in-8° enc. 3$000, br........................... 2$000

Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes : A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8° enc. 3$008, br........................... 2$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8° enc. 3$000 br.. 2$000

O Ermitão do Muquem, ou Historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz ; romance de costumes nacionaes. 1 v. euc........................ 3$000

Lendas e Romances : Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3$000, br............ 2$000

Poesias. Cantos da solidão. 1 v. enc. 1$000 br .... 1$000

O

INDIO AFFONSO

SEGUIDO DE

A MORTE DE GONÇALVES DIAS

CANTO ELEGIACO

POR

BERNARDO GUIMARÃES

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA CEZAR | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES
RIO DE JANEIRO | PARIZ



AO LEITOR

Devo dizer duas palavras ao publico sobre o assumpto do pequeno romance, que agora lhe offereço, e que já foi publicado em folhetins na *Reforma.*

Não ha muitos mezes, um correspondente da Bagagem communicava á redacção daquelle illustre orgão do partido liberal um horroroso attentado perpetrado pelo Indio Affonso, e acompanhado das circumstancias mais atrozes e revoltantes.

A noticia começa por estas palavras : — O Indio Affonso, heróe de um dos contos de Bernardo Guimarães etc. — Semelhante noticia a ser exacta vem desmanchar completamente a figura do meu heróe, a quem attribui caracter magnanimo, indole bondosa e sentimentos generosos.

Ora, em vista disto, para que se não pense que em meu conto tive o proposito de fazer a apologia de um facinora, cumpre-me declarar o que ha de real e de ficticio em minha narrativa, e em que me baseei para prestar ao Indio Affonso o caracter com que apparece em meu romance.

Como se vê, o Indio Affonso é personagem real e vivo ainda. Sua figura, costumes, maneiras, tom de voz, modo de vida, são taes

quaes os descrevi, pois tive occasião de vêl-o e conversar com elle.

Os dous sobrinhos, que andam sempre em sua companhia, tambem realmente existem; Caluta, Baptista e Toruna são porém meras creações de minha imaginação, assim como o são quasi todos os feitos e proezas que faço o meu heroe praticar.

É verdade que quando estive na provincia de Goyaz em 1860 e 1861, ouvi contar diversas façanhas do afamado caboclo; mas quando me lembrei, ha pouco mais ou menos um anno, de escrever este romance, já dellas me restava apenas uma vaga reminiscencia, e por isso é possivel que uma ou outra tenha algum laivo de veracidade.

Para desenhar-lhe o caracter baseei-me no que em Catalão ouvia dizer a todo o mundo.

Todos o pintavam com o caracter e costumes que lhe attribuo, e era voz geral que elle só havia commettido um homicidio, e isso para defender ou vingar um seu amigo ou pessoa da familia.

A descripção dos logares tambem é feita ao natural, pois os percorri e observei mais de uma vez. Com o judicioso e illustrado critico o Sr. Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, entendo que a pintura exacta, viva e bem traçada dos logares deve constituir um dos mais importantes empenhos do romancista brasileiro, que assim prestará um importante serviço tornando mais conhecida a tão ignorada topographia deste vasto e bello paiz.

Por isso faço sempre passar a acção de meus romances em logares que me são conhecidos, ou pelo menos de que tenho as

mais exactas e minuciosas informações, e me esforço por dar ás descripções locaes um traçado e colorido o mais exacto e preciso, o menos vago que me é possivel.

Eis o que ha de real em meu romance. Si porém o Indio Affonso é um bandido ordinario, um facinora feroz e ignobil como tantos outros, pouco me importa.

O Indio Affonso de meu romance não é o facinora de Goyaz; é pura creação de minha phantasia.

Ouro-Preto, 28 de Fevereiro de 1873.

BERNARDO GUIMARÃES.

O

INDIO AFFONSO

I

As fundas e emmaranhadas selvas dos sertões de nossa terra, além das immensas riquezas e curiosidades naturaes que encerram, têm acobertado em sua sombra muito mysterio sinistro, muito negro drama de sangue e canibalismo.

Os jacarés de nossos grandes rios, com a cabeça fóra d'agua, os canguçús da floresta acocorados sobre os galhos da peróba truculenta, a jararaca enroscada por baixo de velho e solapado cupim, quantas

scenas assombrosas praticadas pelo homem não terão testemunhado, scenas de que elles mesmos terão ficado horrorisados?...

Mas o segredo de taes historias as alimarias guardam comsigo e si o contam é lá entre si, e em uma linguagem que ninguem póde comprehender.

Eu, entretanto, que ás vezes tenho conversado com o grande espirito das florestas, que falla pelo zunido da ventania na grenha arripiada das selvas seculares, e pelo bramido das cachoeiras dos rios dos desertos, estou um pouco habilitado para interpretar ainda, que imperfeitamente, essa linguagem, e poderei contar-vos, amaveis leitoras, algumas dessas tremendas historias.

Talvez vos causem arripios, em vez de deleitar-vos, e vos façam ataques de nervos as minhas historias. Terei com isso grande pezar; mas que hei de eu fazer si não sei contar outras?

— Pois não conte nenhuma, direis vós.

— Tendes razão, mas não posso attender-vos,

porque batendo já as portas da velhice, a minha lingua, quero dizer a minha penna é atormentada por um prurido invencivel de contar historias.

Bem quizera eu fazer-vos passear em companhia de meus personagens por uma enfiada de magnificos salões dourados, pisando em ricos e mimosos tapetes, no meio da mais polida e perfumada sociedade do mundo, ou embaladas em macios *coupés* a trote largo, atravez das ruas e praças de uma esplendida cidade, ou por entre as alamedas de um sumptuoso jardim, aspirando os aromas dos lilazes, asphodelias e cynamomos, ou mesmo em algum vagão de primeira classe, varando distancias enormes com rapidez vertiginosa, visitando cidades monumentaes, percorrendo paizes cheios de lindas tradições romanescas, juncados de prodigios da arte antiga e moderna, ou...

Bem quizera eu muita cousa, mas não me é possivel.

A minha tosca musa ainda não soube ensinar-me a calçar com elegancia a luva branca de pellica, e

a traçar sobre o papel linhas perfumadas de todos esses suaves olores, que rescendem nos salões do luxo, com todos esses exquisitos resaibos de bom tom proprios de uma companhia de alta sociedade.

Em compensação, ahi tendes em vossa côrte bom numero de insignes talentos, que com tanta habilidade e elegancia sabem manejar a pluma do romancista, e que podem admiravelmente acariciar-vos a phantasia com lindas e galantes historias de amores nascidos á sombra do caramanchão do jardim e desenvolvidos ao esplendor dos lustres do salão do baile ou do theatro, ou no convivio dos serões de familia ao pé do piano entre ondas de harmonia, ou em roda de uma mesa ao calor de um bule de chá.

E isso não me é possivel, já o disse. A minha musa é essencialmente sertaneja; sertaneja de nascimento, sertaneja por habito, sertaneja por inclinação.

E pois não tenho remedio sinão levar-vos comigo pelas broncas e selvosas ribanceiras do caudaloso

Parnahyba, atravez de espessas mattas, ouvindo apenas o zunido da ventania pela cabelleira desgrenhada das bravias mattas, e o ronco das cachoeiras pela quebrada das penedias, cuja enfadonha monotonia não deixa comtudo de ser de quando em quando disfarçada pelos urros formidaveis de alguma sussurana, ou pelo bramido surdo que solta o succury no fundo das aguas, quando ouve nos céus rolar o trovão.

E o que é peior ainda, não tenho remedio sinão levar-vos a conviver por algumas horas com uma sucia de caboclos quasi selvagens, sem a menor tintura de civilisação, descalços e de chapéu de couro, tendo por unico ornato uma comprida faca na cintura e um enorme cigarro na bocca.

Confesso que não é muito aprazivel semelhante panorama, nem muito amavel a companhia de semelhante gente.

Mas espero que as amaveis e indulgentes leitoras terão para comigo um bocado de paciencia.

Para tornar-lhes, mais suave, ou menos enfadonho o gyro por tão inhospitas e broncas regiões, a minha musa toma a liberdade de offerecer a cada uma das leitoras um formoso caleche fabricado de vapores de ouro e rosas, tirado suavemente por duas parelhas de mansas e bem doutrinadas auras, e tendo por postilhão um sylpho aereo muito bem educado e dessa innumera progenie da deusa Phantasia, unica dona e directora d'essa vasta empreza de locomoção aerostatica.

A dita directora faz-me ás vezes a honra de pôr á minha disposição todo o seu magnifico trem de rodagem, e é por isso que me acho hoje habilitado a offerecer a cada uma de minhas amaveis leitoras um vehiculo aereo nas melhores condições, mais mimoso o macio do que o carro de Amphitrite, ou a concha de Isis.

Peço-lhes pois, encarecidamente, que se dignem acceitar o meu humilde offerecimento.

Dentro desses caleches as lindas e delicadas damas

poderão acompanhar-me até o fundo dos mais remotos e bravios sertões sem perigo algum e sem fadiga, que é o que mais ambiciono.

Irão muito a seu commodo, com as mimosas e delicadas fórmas mui bem abrigadas contra os ardentes pampeiros e os sóes abrasadores do deserto, sem risco de rasgarem seus elegantes vestidos nos bamburraes das mattas emmaranhadas, nem de molestarem seus macios pésinhos nas escabruras dos rochedos e, o que é mais ainda, podendo ouvir urrar a panthera e roncar o sucury sem lhes temerem o bote.

O meu unico receio, caras e adoraveis leitoras, é que, embaladas pelo sereno e suavissimo movimento de meus vehiculos, acommettidas de invencivel somnolencia, não vos ponhaes a dormir, largando-me sósinho no meio dessas vastas solidões.

Mas emfim aconteça o que acontecer, vamos ao sertão, e seja o indio Affonso a primeira pessoa com quem travemos relações.

II

O indio Affonso é um personagem real. Pelo menos em 1861 ainda elle existia nas mattas do Parnahyba na provincia de Goyaz.

Era ou é ainda réu indiciado em um crime de morte, mas tem por menagem umas cincoenta ou sessenta leguas de florestas virgens em uma e outra margem do Parnahyba, que serve de linha divisoria entre as provincias de Minas e Goyaz, desde o rio S. Marcos até a confluencia com o Paraná, por a policia de Goyaz o deixar vaguear livremente, porque, depois de o perseguir em vão por muito tempo, perdeu a esperança de poder-lhe jamais lançar as garras.

Affonso pertence a esta raça de indios mestiços que vivem vida nomade e semibarbara pelas margens dos grandes rios do sertão, subsistindo quasi exclusivamente de caça e pesca.

É um caboclo de estatura colossal e de organisação athletica. De ordinario anda só, mas sempre armado, desde os pés até a cabeça, com excellentes armas, de que sabe usar com incrivel dextreza. Além de sua boa espingarda de dous canos, que nunca lhe sáe do punho, traz ao cinto duas pistolas de dous tiros, uma formidavel garrucha, a indispensavel faca e uma pequena fouce. D'esta maneira elle só com sua valentia vale por vinte; é como um fortim ambulante.

Apezar de todo esse aparato bellico, o seu exterior não inspira terror. Sua physionomia expansiva e alegre é dotada da mais branda e bondosa expressão, a falla é meiga e vagarosa, e quer nos modos, quer no porte, nada tem de arrogante e avalentado. Anda muitas vezes de companhia com a familia de

sua irmã Caluta, casada com um caboclo por nome Baptista. Consta essa familia dos dous esposos e de dous filhos, dous bens dispostos e vigorosos rapagões, quasi tão altos como seu tio.

Antes de praticar as proezas que o tornaram o terror e assombro do sertão, Affonso já era famoso naquellas paragens, tánto por sua cordura e bonhomia, como por sua grande força e assombrosa agilidade e dextreza, como é raro encontrar-se em estaturas agigantadas como a delle.

Si lhe era mister pegar uma rez no campo, não tinha precisão de laço nem de adjutorio de pessoa alguma. Veloz como o veado, deitava a correr atraz della, e em breves instantes agarrando-a pelas pontas, tombava-a no chão, ainda que fosse um touro o mais truculento. Assim, quando se aborrecia de caça e pesca, não lhe faltava excellente carne de gado pelos campos de Catalão e Santa Luzia.

Os fazendeiros daquellas regiões, não sabendo ao certo o numero de gado que possuião disperso por

immensas campinas, não devam fé de uma rez, que lhes faltasse, e mesmo sabendo que uma ou outra lhes havia sido bifada por Affonso, o davam por bem feito, e de modo nenhum quereriam entrar em questão com o famoso caboclo por causa de semelhante ninharia.

Era sobretudo n'agua que Affonso se tornava um verdadeiro prodigio de força e de dextreza. Seu enorme e esguio corpo tinha a flexibilidade da serpente e a robustez da anta. Varava a agua com a rapidez de uma canôa tangida por valente remador.

Conhecia palmo a palmo todo o curso e ambas as margens de seu patrio rio, desde as cabeceiras até sua confluencia com o Paraná.

Todas aquellas vastas e sombrias florestas que bordejam o Parnahyba de um e outro lado, eram como parques e jardins, em que se aprazia o valente filho do deserto, feliz, tranquillo e altivo como rei que era daquellas immensas solidões.

Graças ao vigor e ao comprimento de suas mus-

culosas pernas palmilhava, com velocidade espantosa as immensas e emmaranhadas selvas que bordejam o rio, desde Catalão até Santa Anna do Parnahyba.

Quando desce, porém, não tem grande necessidade des pernas; qualquer tronco, que a tempestade prostrou sobre a torrente, qualquer camalote que a enchente arrancou da barranca, lhe serve de barco, e tão familiarisado está com as vagas do seu rio querido, que parece que as rege e domina com um aceno de sua fronte.

Affonso já não se esconde muito, nem anda como foragido, e costuma apparecer de quando em quando pélas fazendas e provados, mas, já escaldado de muitas traições, é summamente desconfiado, e não aceita gazalhado debaixo do tecto de quem quer que seja, por mais cordial e franca que seja a hospitalidade se lhe offereça.

Conserva-se no meio do terreiro ou do curral, e alli assentado, com todas as suas armas ao pé de si, recebe todos os obsequios que o genio hospitaleiro

dos sertanejos lhe costuma offerecer, sempre vigilante, e lançando em volta de si de quando em quando olhares escrutadores. Mas ainda que chova a potes, ou que faça um sol de rachar, ninguem é capaz de fazer com que acceite abrigo debaixo de telhado.

Elle, que nenhum medo tinha dos jacarés e canguçús do matto, nem dos mais sanhudos valentões do sertão, elle, que era capaz de ir esfaquear um sucury no seio profundo das aguas, receiava-se infinitamente dos soldados de policia. E' que amava mais que tudo sua selvatica liberdade, e parecia-lhe que, si fosse parar á cadeia, morreria infallivelmente em poucos dias.

Algumas pessoas de consideração tentaram por vezes persuadil-o a que se entregasse á justiça, garantido-lhe a absolvição, visto que o seu crime era extremamente defensavel.

Mas o desconfiado caboclo nunca quiz annuir a semelhante proposta. Não tinha confiança alguma

nos homens, e só a idéa de ver-se privado da liberdade, embora fosse por alguns dias, causava-lhe horror.

Qual era, porém, esse enorme crime que o caboclo havia commettido?

Eis o que passo a contar a meus leitores.

III

Toruna era o appellido de um sanhudo facinora avezado a toda a especie de crimes e attentados; do numero d'esses bandidos que até hoje tanto abundam infelizmente nas fronteiras centraes de nossas provincias, saltando de uma a outra para se esquivarem ás perseguições da policia.

Ha muito que esse malvado concebera viva inclinação pela irmã de Affonso, que, em verdade, na sua especialidade de cabocla, tinha todos os dotes do corpo proprios para inflammar os sentidos e render os corações.

Si bem que não muito bonita, era summamente bem feita de corpo, airosa e engraçada, e tinha um

sorriso e uns modos tão meigos que enfeitiçavam. Tinha exactamente a indole e o temperamento de seu irmão, era a bondade e a meiguice personalisadas; mas tinha tambem muito brio e pundonor, e, uma vez offendida, aquella mansa pomba transformava-se em panthera.

Toruna de si para si jurára pelo punho de sua faca de bandido que, fosse lá como fosse, havia de lograr os favores de Caluta.

Já por vezes tinha tido a ousadia de prostrar-se aos pés da cabocla, declarando-lhe sua louca paixão, e havia esgottado todos os meios de seducção ao seu alcance, sem obter sinão palavras de desprezo e ameaça da parte daquella altiva e gentil Lucrecia das florestas.

Não restava mais ao perverso pretendente outra esperança que não fosse o emprego da violencia e do terror, meio ante o qual sua consciencia de facinora não hesitava um só instante, mas ante o qual sua grande coragem de valentão não deixava de

trepidar. Baptista era terrivel, e ciumento como um tigre; e Affonso, que idolatrava sua irmã, era um assombro de intrepidez, agilidade e valentia, e tinha mesmo por seus rasgos de astucia e destreza adquirido a fama de feiticeiro ou de ter pacto com o diabo, de maneira que era o terror de todos aquelles sertões.

Todavia Toruna, que sentia cada vez mais arder-lhe nas veias sua paixão cega e brutal, não desistia de suas criminosas intenções. Em todas as peregrinações que a pequena familia de Baptista fazia pelas mattas e sertões, Toruna jámais deixava de acompanhal-a, não francamente na mesma comitiva, mas de longe e disfarçadamente, de modo que em todas as voltas que davam pelo deserto, Toruna os ia seguindo e rodeando, ora pelos flancos, ora pela frente ou retaguarda, á maneira da onça que negaceia a manada de gado que o boiadeiro tange atravez dos sertões, bifando-lhe ora uma, ora outra de suas melhores rezes.

Assim andava Toruna no rasto de Caluta á espreita de um ensejo favoravel para realisar seus hediondos designios.

Por essa occasião Affonso bem poucas vezes se separava da familia de Baptista, porque assim lh'o pedia sua irmã, já receiosa de algum desacato ou violencia de Toruna. Todavia Caluta ainda não tinha querido dar parte ao marido nem ao irmão do atrevimento do facinora; estava certa de que elles o matariam, e tinha muito receio de que tanto um como outro se vissem em conflicto com a justiça, e lhe cahissem nas mãos, deixando-a desamparada no meio daquelles sertões.

Poucas leguas abaixo da villa, hoje cidade de Catalão, o rio Parnahyba desce rugindo por um pequeno degráu de pedra, quebrando-se em alvas e espumantes catadupas, como um longo ramal de rosas brancas que se estende de uma a outra margem, e vem formar em baixo um vasto e sereno tanque azul, espreguiçando-se em leito de fina areia á sombra

de gigantescos e magnificos arvoredos. Logo, porém, abaixo d'esse remanso o rio continúa sua carreira precipitada e turbulenta atravez das florestas por sobre veredas asperas e pedregosas.

A borda d'esse tanque, na margem direita, estendia-se entre o rio e a floresta uma larga praia, coberta de branca e finissima areia, onde as aguas enrugadas pelo choque da corredeira, vinham esbater-se brandamente, marulhando com fremito suave.

Os baguassús com seus curvos e compridos leques e outros arvoredos da floresta deitavam fresquissima e deliciosa sombra pelas orlas do areial.

Na bocca da matta via-se um rancho improvisado, que consistia em uma simples coberta de ramas de baguassú, feito de um só lance, tendo uma das extremidades pousada sobre o chão e a outra suspendida a um grande rochedo. Dentro d'esse rancho, onde havia um fogo, estava uma mulher ainda moça e de gentil presença, lidando em misteres de cozinha, emquanto pela praia brincavam e saltavam dous espertos

e robustos caboclinhos, dos quaes o mais velho teria nove a dez annos e o outro pouco menos. Era Caluta, a irmã de Affonso, com seus dous filhinhos; estava preparando o jantar para Baptista e Affonso, que andavam a caçar pela floresta. Gostavam muito d'aquelle recanto profundo e ignorado das solidões, a alli costumava passar semanas a caçar e pescar.

A pesca, sobretudo, que aliás é muito escassa no alto Parnahyba em razão das muitas cascatas e corredeiras, e de que n'aquelle sitio ha sempre uma tal ou qual abundancia, costumava attrahir para alli os caboclos.

Caluta, que ia de vez em quando ao rio apanhar agua ou lavar alguma vasilha, estava quasi núa. Uma simples saia arregaçada deixava vêr até os joelhos as vigorosas e bem fornidas pernas; um lenço de chita desdobrado e preso pelas pontas ao pescoço abrigava-lhe os hombros e as costas dos ardores do sol do meio dia; um pequeno chapéu de palha de burity cobria-lhe a cabeça, donde se desa-

tavam cascatas de cabellos negros e corredios. Os seios, aquelles seios robustos que haviam já nutrido de leite succulento e são os dous rapagotes que brincavam junto d'ella, arfavam livres e completamente descobertos ás auras da solidão, e conservavam ainda toda a firmeza e o voluptuoso boleado da primeira mocidade. Caluta cantava uma dessas monotonas e singelas cantilenas do sertão, e sua voz suave, mas vibrante, destacava-se por entre o rugir das catadupas e o rumorejo dos ventos pela corôa das florestas, produzindo o mais singular e encantador effeito.

Tranquilla e descuidosa n'aquelle ignorado recanto da floresta, Caluta, toda entretida com o seu serviço, e na mais completa seguridade não havia ainda avistado um vulto sinistro que, mettido no matto, e meio occulto por traz de um páu, fitava n'ella os olhos abrazados em brutal lascivia, como que querendo devorar os desvendados encantos da casta esposa de Baptista. Só deu pela sua presença quando

Toruna — pois era elle — aproximando-se rapidamente e agarrando-a por um braço, bradou-lhe :

— Estou ahi, Caluta!... hoje é dia...

Caluta soltou um grito de susto.

— Meu Deus!... és tu? que me queres, Toruna?

— Ainda me perguntas?!... já te não tenho dito tantas vezes? Tu és uma ingrata, Caluta; eu te quero tanto, e tu nunca...

— Nunca! nunca!... atalhou com força a irmã de Affonso. — Isso que queres, não póde ser...

— Não póde ser!... agora verás si póde ou não póde.

— Affonso!... Baptista!... bradou a cabocla, com toda a força de seus pulmões.

— Pódes gritar até rebentar, disse o malvado — ainda ha pouco os deixei a ambos a mais de legua d'aqui. Cuidavas que eu não havia de escolher bem a minha occasião?...

Caluta, cheia de terror, de indignação e raiva a um tempo, ia lançar mão de um machado, que

estava encostado ao rochedo do rancho; mas Toruna preveniu este movimento e abraçou-a vigorosamente pelas costas.

— Que é isto, minha menina? Não te arrebites comigo, que o caso sáe mais feio. Olha, Caluta, é atóa querer resistir.

— Só si me matares, malvado!

Começou então uma lucta atroz e horrivel entre os dous. Caluta debatia-se com a ancia do desespero entre os braços vigorosos de execravel facinora. Os dous meninos, que, ouvindo os clamores de sua mãe, haviam acudido promptamente, soltando gritos consternados e com os olhos fuzilantes de raiva, arrojaram-se ao monstro, como dous filhotes de onça, e atracando-se-lhe ás pernas, o unhavam e mordiam desapiedadamente, e não davam pouco que fazer ao robusto caboclo, que debalde os sacudia de si, ora com um soco, ora com um couce ou um pontapé; os meninos voltavam á carga cada vez mais assanhados e enfurecidos.

Graças ao auxilio d'essas creanças, Caluta ás vezes conseguia arrancar-se dos braços de seu feroz aggressor, e corria então, procurando sempre avisinhar-se á beira do rio do lado inferior abaixo do grande poço, onde as aguas se precipitavam em novas corredeiras; mas Toruna para logo lançava-lhe de novo as garras.

Esta horrivel lucta durava já quasi um quarto de hora. Caluta e Toruna, com as roupas estraçalhadas, estavam quasi nús. O corpo do bandido todo crivado de arranhões e dentadas gottejava sangue por todos os lados. O da nobre mulher não estava mais bem tratado. Caluta, exhausta de forças, sentia-se desfallecer. O caboclo com um couce no peito tinha atirado no chão sem sentidos o mais velho dos meninos. O outro, com o rosto e os olhos cobertos de sangue, já não podia fazer mais do que dar horriveis gritos, espernegando e agitando os braços como um possesso.

Caluta já se achava a alguns passos apenas da

borda do rio, em um logar para onde durante a lucta havia sempre forcejado para avizinhar-se. Era, como já dissemos, abaixo do grande tanque, onde o rio arrojava-se de novo em corredeira, por um leito aspero e escabroso. Caluta estava sobre um lagedo musgoso, que subia em rampa suave até a beira do rio, sobre o qual se desbruçava. Por baixo d'esse lagedo a torrente, encantoando sua grossa columna de aguas, corria rapida e profunda para ir rebentar pouco abaixo em alterosas e medonhas catadupas.

— Basta, Toruna!... dizia Caluta, arquejando e com voz fraca e entrecortada. — Basta!... estou entregue!... estou morta!... Olha, malvado!... olha, em que estado... puzeste meus pobres filhinhos... tem piedade delles ao menos...

A estas palavras Toruna largou a mão da cabocla e voltou-se para olhar as creanças.

Caluta em dous saltos ganhou a borda do lagedo, e atirou-se na torrente, que a arrabatou aos boléos pelo seu aspero e revolto leito.

IV

Não é possivel descrever o estado de consternação, furor e desespero, em que ficaram os dous caboclos, quando ao declinar do sol, voltando ao rancho, encontraram os dous meninos espancados, cobertos de sangue, debulhados em lagrimas, abraçadinhos um com outro a exclamarem entre soluços: — mamãe morreu!... mamãe morreu!

— Morreu!... que estão dizendo, meninos?!... Caluta morreu?!... bradou Affonso com um accento de voz tremenda, indefinivel, emquanto Baptista, pallido e tremulo, com os olhos estatelados e a bocca aberta sem proferir palavra, olhava espantado para seus filhos.

— Cahiu no rio, titio ; foi pela agua abaixo, murmurou soluçando um dos meninos.

— Pela agua abaixo!... mas como foi isso?... vocês estão sonhando, meus filhos!...

— É devéras, papae ; Toruna appareceu aqui, agarrou n'ella e atirou ella no rio...

— O Toruna! bradaram ao mesmo tempo Affonso e Baptista. Contem-nos, meninos, contem-nos depressa como foi isso?...

Os dous caboclos com o peito a arquejar, o coração apertado e os olhos a faiscarem de colera, acocoraram-se no chão, e cada um, enlaçando com o braço um dos meninos, começaram a interrogal-os e a escutal-os.

— Contem, contem depressa como foi isso, tudo muito direitinho.

Os meninos começaram então a contar ou antes a soluçar, chorando a historia do horrivel attentado de Toruna, e o desastrado fim de sua infeliz mãe.

Quando as lagrimas e soluços embargavam a

falla de um, o outro tomava a palavra, e ia balbuciando por diante a tremenda narração.

As vezes, porém, ambos desatavam a chorar ao mesmo tempo, e foi com bastante custo que Affonso e Baptista conseguiram inteirar-se com exactidão de tudo que havia acontecido.

— Basta, meus filhos!... — exclamou Baptista levantando-se e batendo com o pé na terra. — Já sei quanto é preciso... Aquelle cão ha de me pagar!

Baptista soltava gritos de dôr e bramidos de raiva, que abafavam o rugido das cachoeiras, e retroavam pelas ermas ribanceiras como os urros medonhos de um touro enraivecido. Affonso, mais calmo na apparencia, vertia lagrimas de fogo, e só de quando em quando exclamava com voz rouca e convulsa :

— Ai! minha irmã! minha pobre irmã!... aquelle cão maldito!... ainda que vá parar nos infernos, hei de rasgar-lhe o coração, e beber-lhe o sangue!... por onde se foi elle, meninos?... não repararam?...

— Foi por ali, titio, disseram os meninos, apon-

tando para um estreito trilho ou uma aberta quasi imperceptivel, que se enfiava pela floresta, talvez batida de animaes bravios.

— Está bom, meus filhos ; — disse Affonso. Agora, Baptista, deixemo-nos de choradeiras e gritarias... com isso não havemos de dar vida outra vez á pobre Caluta ; é preciso vingal-a. Eu vou-me por aqui atraz delle, e os demonios me carreguem si por estes dous ou trez dias aquelle cão maldito não vai pagar ao diabo todo o mal que nos fez.

— Tambem eu hei-de ir, Affonso... eu mesmo quero com minhas mãos esganar aquelle diabo...

— E quem ha de ficar com estes pobres meninos?... replicou Affonso ; você fica, Baptista, e no emtanto desces pela beira desse rio abaixo a vêr se podes encontrar ao menos o corpo da coitada de tua mulher.

— Nesse caso fica você, Affonso. A mim é que compete dar cabo d'aquelle cão.

— Peior é essa, Baptista ; melhor é que você

fique tomando conta de seus filhos. Eu cá por nada posso deixar de ir. Acho que minha alma não póde se salvar, si eu mesmo não der cabo do matador de minha irmã.

Baptista nunca ousava oppôr-se ás vontades de seu cunhado, que exercia sobre seu espirito um poderoso ascendente, e resignou-se a ficar.

— Esperem-me aqui, disse Affonso, e não saiam emquanto eu não voltar. Si Deus me ajudar, em dous ou tres dias estou de volta.

Affonso tomou todas as suas armas, e enfiou-se pela mal batida vereda, que os meninos lhe tinham indicado, um verdadeiro tunnel de verdura, baixo e estreito, aberto por entre uma rêde espessa e emmaranhada de ramos, taquaras e cipós.

Baptista ficou com os meninos, que, sentados á beira do rancho, com os braços enlaçados ao hombro um do outro, não cessavam de chorar e soluçar, repetindo a cada soluço a triste phrase : mamãe morreu !...

— Não chorem assim, meus amiguinhos, — disse Baptista agachando-se e tomando os meninos, um em cada braço e beijando-os. — Não chorem mais... mamãe não morreu não, Deus é grande e de misericordia. Eu vou por ahi abaixo a procurar sua mãe. No emtanto não chorem, fiquem ahi bem quietos e caladinhos... Não tenham medo, que antes de fechar a noite eu estou ahi para ficar com vocês.

Baptista beijou-os de novo, e partiu deixando-os a soluçar na mesma posição em que se achavam antes.

O leitor por certo já terá tido occasião de observar dous filhotes de passarinho, cujos paes, victimas de algum laço ou chumbo, ou de alguma cobra ou gavião, não puderam mais voltar ao ninho, deixando a tenra e implume prole exposta a todos os rigores da fome e do frio. É um espectaculo que faz dó. Os pobresinhos arquejando e tiritando de frio, estão a cada momento piando e abrindo em vão os biquinhos á espera do alimento que nunca vem.

Assim ficaram os dous meninos sempre unidinhos

e a chorarem, repetindo de quando em quando aquelle nome tão suave, mas agora tão doloroso para elles : — mamãe!... mamãe!... E assim a noite os veio surprehender sósinhos e desamparados no meio d'aquellas medonhas solidões...

Deixemos Baptista descer pelas agrestes e broncas ribanceiras do Parnahyba, em procura do cadaver de sua infeliz mulher, e sigamos Affonso, que lá vai a passos de gigante, varando as florestas com incrivel rapidez, rompendo por espinheiros de tabocaes, sem nunca perder as pégadas do fugitivo Toruna. Este tambem de sua parte, certo de que seria perseguido pelo marido e pelo irmão de sua victima, empregava na fuga toda a celeridade de que era capaz, demandando as alturas do arraial de Caldas, onde esperava ficar a salvo das garras de um e outro.

Esta pequena povoação, notavel por uma torrente de aguas thermaes que corre junto d'ella, e donde lhe vem o nome de Caldas, fica como a umas dez ou doze leguas do sitio em que se passaram as scenas,

que acabámos de descrever, pouco mais ou menos em meio caminho, entre Catalão e a villa de Santa Cruz. Alli tinha elle varios amigos e comparsas, com o auxilio dos quaes contava fazer face a qualquer tentativa de vingança da parte de Affonso ou de Baptista.

Affonso, porém, o seguia encarniçado, como a onça esfaimada segue o rasto do veado fugitivo. Graças ás suas robustas e compridas pernas, cada uma de suas passadas media mais de dous metros. Affeito a rastejar a anta, o veado e a onça atravez das mais escuras e emmaranhadas brenhas, tinha tino não menos admiravel para seguir a pista de um homem, e portanto nunca mais perdeu o rasto do assassino de sua irmã. Andou a noite inteira e quasi todo o dia seguinte, atravessando immensas campinas, brenhas e cerradões, dirigindo-se por estreitos e mal formados trilhos, que se enleiam n'um dedalo sem fim por aquellas solidões.

Era quasi sol posto quando Affonso chegou a um

delicioso e ameno valle, a cerca de meia legua do arraial de Caldas. Era um vargedo coberto do mais nitido e viçoso esmalte, atravez do qual por um grotão profundo deslisava um limpido ribeiro á sombra de duas orlas de bosquetes toucados de flores. O ribeiro escorregava rapido sobre o liso e arenoso leito; e sua superficie ligeiramente encrespada pela correnteza semelhava uma trança de laminas crystalinas. Algumas bonitas flôres lilaceas, d'estas que gostam de viver entre os rochedos, á beira dos regatos, balenceavam faceiras seus calices odorosos, mirando-se no crystal da corrente. A tarde estava serena e cheia de esplendoros; o ar tranquillo e embalsamado mal fazia ondular o tope dos arvoredos, e o horizonte inundado de luz estava todo marchetado de laminas de ouro e petalas de rosas.

Que sitio encantador! que hora tão fagueira e propicia aos sonhos de um poeta, ou ás saudosas scismas de um amante!... Era um delicioso ninho de

amor, preparado pela mão da natureza no seio da solidão.

Entretanto, esse risonho e placido asylo, que só deveria vêr em seu seio scenas de amor e de ventura, que só deveria escutar o canto das avesinhas, o meigo arrulho das pombas, ou os colloquios apaixonados e os languidos suspiros de dous amantes felizes, vai agora ser o theatro da mais horrivel scena de canibalismo e vingança!...

Ao entrar na borda do estreito capão que orlava as margens do ribeiro, Affonso avistou Toruna que, agachado tranquillamente á beira do corrego, bebia agua no concavo da mão.

Estando já nas vizinhanças do arraial, julgava-se em perfeita segurança e inteiramente fóra do alcance das garras do formidavel caboclo. Cumpre notar que Affonso por aquelles descampados chapadões, por onde muitas vezes se avista a longas distancias, já tinha por vezes lobrigado diante de si a sua preza, e desde então tratara de occultar a sua marcha, lar-

gando muitas vezes o trilho para enfiar-se nas bordas dos capões, pelas baixadas e cerrados, afim de não ser visto por Toruna, o qual de sua parte temeroso, como ia, da vingança dos dous caboclos, não deixava de lançar para traz, de quando em quand olhares inquietos e escrutadores.

V

Logo ao entrar no matto a senda descia rapidamente até á beira do corrego por uma rampa de quinze a vinte passos. Mal pôz os olhos em sua victima, Affonso, rapido e subtil como um jagoár, desceu a rampa em trez ou quatro pulos, e cravou ambos os pés sobre os hombros do facinora, fazendo-o cahir de bruços com a cara enchafurdada na agua e na arêa do corrego.

Sem mais demora põe-lhe um pé sobre a nuca e recalca-lhe ainda mais a cabeça na lama do regato. O malvado, nas ancias da asphyxia, debatia-se, e espernegava embalde debaixo das herculeas patas do truculento caboclo.

Affonso mais que depressa arranca-lhe todas as armas, e as atira para bem longe.

Podia tel-o feito morrer alli mesmo esganado e afogado em lama; queria, porém, saciar a mais longos tragos a sède de vingança que lhe envenenava o coração.

— Levanta-te d'ahi, maldito! — exclamou elle, saltando de cima do corpo de Toruna, e dando-lhe um rijo pontapé.

O miseravel a custo arrancou-se da lama em que se achava enchafurdado, e, levantando-se atordoado, tropego e quasi cego em razão da arêa e lama que lhe cobriam o rosto e os olhos, começou a olhar espantado para todos os lados, como procurando um canto, por onde pudesse fugir e pôr-se a salvo. Mas Affonso tinha-se collocado diante delle com uma pistola engatilhada.

— Si arreda o pé d'ahi, o varo já de meio a meio com uma bala, bradou Affonso.

O malvado transido de terror não teve animo de

mexer-se nem de dizer palavra. Com suas mãos de ferro, Affonso agarrou-o por ambos os pulsos, e o arrastou para perto de uma arvore. O indio já trazia comsigo de proposito um rolo de corda de embira bem forte, e sem que Toruna tentasse oppôr-lhe a menor resistencia, arrochou-lhe fortemente os pulsos, suspendeu-os e arrumou-os bem esticados a um galho da arvore, de modo que o pobre diabo ficou tolhido de todo e qualquer movimento.

Concluido aquelle serviço, que executara no maior silencio e com a mais horrivel impassibilidade, Affonso disse ao paciente :

— Agora, camarada, tem paciencia espera ahi um bocadinho, que eu já volto para nós conversarmos.

Os dedos me tremem convulsos, e a penna arripiada de horror range-me sobre o papel, ao encetar a narração da hedionda scena que vai seguir.

Affonso dirigiu-se para a beira do corrego, apanhou na torrente uma pedra bem lisa, tirou da bainha sua larga e comprida faca, agachou-se e com a maior

pachorra do mundo começou a amolal-a vagarosamente.

O silencio, que reinava no seio d'aquella profunda e tranquilla solidão, era apenas perturbado pelo debil barulho da torrente, e pelo ringir da faca do caboclo passando pela pedra.

Passados alguns minutos, Affonso levantou-se e chegou-se para o paciente. Este, emfim, no auge de terror resolveu-se a implorar compaixão.

— Affonso! Affonso ! — exclamou com voz de cortar o coração. — Que me queres fazer?... Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo! perdão, Affonso!

— Pelas cinco chagas?! respondeu Affonso com um sorriso feroz. — Agora mesmo te vou mostrar quaes são as cinco chagas...

— Oh! não, não!... tem piedade de mim, Affonso.

— Piedade de ti! por ventura tiveste tu piedade de minha irmã, quando atiraste-a no rio?... e que

mal te havia ella feito, falla, malvado?... pobresinha de minha irmã! quantas ancias não soffreu... a morte do afogado é cruel. Tu agora já deves ter alguma ideia do que ella seja, Toruna; foi para esse fim que te fiz comer barro alli por uma boa temporada... então que tal achas que deve ser a morte do afogado?

— Mas não fui eu que a matei, Affonso...

— Não fostes tu?... quem foi mais então?

— Não fui eu, não; eu te juro, Affonso. Eu não queria fazer-lhe mal nenhum... ella mesma ficou com medo á tôa, e atirou-se no rio.

— Cala-te d'ahi, maldito! é melhor que cuides em fazer acto de contricção e encommendes tua alma a Deus... a Deus!... — interrompeu-se o indio com uma feroz gargalhada; — Deus!... que estou eu dizendo!... estou que essa alma damnada nem o diabo a quererá.

Dizendo estas palavras, Affonso de faca em punho arregaçava tranquillamente as mangas da camisa,

prestes a dar começo á sua atroz e nefanda obra.

Confesso que não sei que expressões hei de empregar para contar aos leitores, e especialmente ás delicadas e sensiveis leitoras, estas scenas de canibalismo e de horror, e vejo-me em taes embaraços, que já me arrependo de ter encetado a historia de tão sinistro e revoltante drama.

Com todo o socego e impassibilidade, como quem destrinça um porco morto, Affonso levou a faca ás carnes do misero Toruna. Depois de o ter castrado de um só golpe, cortou-lhe os beiços, o nariz e as orelhas. Corro sobre estas palavras como quem passa sobre as brasas de uma fogueira, si bem que Affonso praticasse todas aquellas barbaras amputações com todo o vagar e com a mais horrivel fleugma e sangue frio.

Os echos daquella amena e tranquilla solidão acordaram sobresaltados e espavoridos aos medonhos uivos de dôr e bramidos de desespero que

arrancava do peito o desventurado e miserando Toruna.

Concluida a barbara vingança, Affonso desamarrou a misera victima com o corpo assignalado com aquellas cinco horriveis e hediondas chagas a esgottarem sangue em jorros, e disse-lhe:

— Agora, camarada, pódes ir embora; tive pena de ti, e não te quiz matar; já se vê que não te quero mal. O que acabo de te fazer, é para teu bem e teu socego. Ao menos daqui em diante não has de ter mais vontade de desencaminhar a mulher de ninguem, nem por bem nem por mal. Vai, vai para o arraial a vêr si te botam algum remedio n'essas feridas.

Fallando assim, Affonso punha-lhe o chapéu na cabeça e o empurrava para o caminho.

A vida é sempre amavel, mesmo quando não nos resta mais do que um corpo mutilado, impotente, e asqueroso. O misero Toruna, portanto, acceitou o conselho de Affonso e, a muito custo, foi-se arras

do para o arraial, deixando pelo caminho um rastilho de sangue.

Imagine o leitor que eu não tentarei descrever o espanto e horror que produziu no pequeno arraial de Caldas o apparecimento daquella figura tão horrivelmente mutilada, aquelle espectro ensanguentado!

Faça-se ideia do terror e assombro, com que a população, que, consternada e espavorida se condensava em torno do miseravel, escutava aquella bocca sem labios, contando, entre golfadas de sangue e bramidos de dôr, a historia do horroso attentado, de que acabava de ser victima.

Infelizmente no pobre arraial não havia então medico nem curandeiro, remedio, nem recurso de natureza alguma, e o infeliz esvaido em sangue expirou n'essa mesma noite, dando assim o mais hediondo fim áquella hedionda e monstruosa existencia.

VI

No dia seguinte já era noite fechada, quando Affonso chegou ao rancho, onde tinha deixado a familia á beira do Parnahyba.

Fazia um bonito luar. Os raios da lua, infiltrados atravez dos ramos tremulos do arvoredo, ondulavam brincando na branca areia da praia, emquanto o disco argenteo, resvalando de esguelha sobre a superficie levemente enrugada do grande poço, tremia sobre as aguas, partindo-se em mil laminas refulgentes.

No meio do profundo silencio da natureza, erguia-se magestosa e solemne a voz das catadupas com

seu eterno e monotono estrugido enchendo os espaços da solidão.

Ao avizinhar-se daquelle recinto Affonso sentiu a mais pungente tristeza apertar-lhe o coração. Ai delle! sua boa e carinhosa irmã já não o esperava mais á entrada do rancho, onde ia encontrar soluçando duas pobres crianças privadas para sempre dos carinhos maternos!

Parou, e, apertando as mãos ao peito, olhou para o céo, abanando tristemente a cabeça. Faltava-lhe a coragem para entrar naquelle asylo de angustia e desolação.

— Pobre Caluta!... pobres meninos! — murmurou com voz surda. — Nem tenho animo de vêr esses coitadinhos... mas, emfim, que remedio...

Affonso entrou a passos vagarosos, de braços cruzados e cabeça baixa. O rancho estava silencioso e parecia deserto; o fogo estava quasi a se apagar. Baptista havia sahido por momentos a lançar uns anzóes no rio.

Affonso, porém, reparando á luz do luar, que escassamente alumiava o interior da cabana, não tardou em avistar em um canto os dous meninos que, abraçados um com outro sobre uma esteira de buritis, dormiam tranquillamente. Contemplou-os por alguns instantes, immovel, de braços cruzados, e duas grossas lagrimas rebentaram-lhe dos olhos e rolaram silenciosas pelas faces crestadas. Desbruçou-se sobre elles e beijou-os, inundando-lhes o rosto de uma torrente de lagrimas.

Quem diria que aquelle homem que ainda ha pouco vimos perpetrar o acto da mais barbara vingança com a fria e impassivel ferocidade do tigre, tambem sabia chorar?!

Era assim Affonso : era peior que um jaguar, quando a raiva lhe fazia estuar o sangue no coração; quando lhe fallavam n'alma os doces affectos da familia, as emoções do amor e da amizade, era uma pomba de mansidão e de ternura.

Depois de affagar e beijar as crianças adormeci-

das, Affonso levantou-se vagarosamente e olhando para diante de si deu subitamente um grito de espanto e recuou espavorido.

O vulto de Caluta estava no fundo do rancho sorrindo e com os braços estendidos.

Eram as fórmas de um phantasma vagamente desenhadas na penumbra da espelunca ao clarão frouxo do fogo quasi extincto.

Affonso triste e tremulo queria fallar, mas a voz se lhe affogava na garganta. Aquella alma de ferro, inaccessivel ao medo, afeita a affrontar todos os perigos, era sujeita a terrores supersticiosos, e tremia como uma vara verde em presença de uma alma do outro mundo.

— Alma de Caluta!... exclamou elle emfim, conseguindo arrancar do peito um som rouco e guttural. — Que queres de mim?... falla... eu já não te vinguei?...

Caluta avançou para elle; Affonso assombrado

recuou; mas ella com rapido movimento lançou-se nos braços d'elle dizendo:

— Não tenhas medo, Affonso; minha alma ainda é deste mundo. Sou eu mesma; graças á misericordia de Deus d'esta vez ainda não morri, não, Affonso.

— É deveras o que estou vendo?.., tu não morreste, não, Caluta?... mas não ha que duvidar... ella mesmo... é minha irmã Caluta em corpo e alma... bemdito seja Deus!...

Fallando assim, Affonso abria muito os olhos, e apalpava a cabeça, as faces e os braços de sua irmã, como para verificar si não ero com effeito uma sombra, ou uma alma do outro mundo, que tinha diante dos olhos.

Ainda uma vez Affonso chorou; chorou de alegria, de felicidade, elle, que um momento antes, acabara de banhar de lagrimas, de angustia e de amargura as faces de seus sobrinhos.

Nesse momento entrava Baptista, cantarolando alegremente uma cantiga do sertão.

Os gritos e algazarra de prazer franco, com que se saudaram os dous caboclos, despertaram os meninos que, conhecendo a voz de Affonso, levantaram-se de um pulo, e saltaram-lhe ambos ao collo a cobril-o de festas e de caricias.

— Então?... que é do homem?... topaste com elle? — perguntou Baptista, depois das primeiras expansões do prazer.

— Se topei!... como é que elle havia de me escapar?... só se a terra se abrisse com elle.

— É acabaste com elle, não?...

— Qual!... não quiz matar aquelle cousa ruim... não; mas fiz peor, e não sei si elle escapará.

— Ah! viva isso, mano!... si elle escapar, tem de acabar ainda nas minhas mãos... mas conta-nos, Affonso; como foi isso?... estou ardendo por saber o castigo, que déste áquelle bruto maldito.

— Eu já te conto... mas, minha gente, eu estou com fome: desde pela manhã ainda não joguei nada na bocca. Não ha por ahi nada que se coma?...

— Como não?... disse Caluta, eu então não havia de guardar janta para você?

Caluta avivou o fògo quasi apagado, poz-se a aquecer o caldeirão, e em breves instantes collocou diante de Affonso uma excellente ceia, feijão, angú, peixe, palmitos e uma cabaça sortida de boa aguardente.

Então Affonso, ao mesmo tempo que ia comendo, foi contando em sua linguagem rude e expressiva, e com energia e animada gesticulação, á familia sentada a roda do fogo a horrivel, vingança com que havia torturado o infeliz Toruna.

— Bravo! bravo d'isso!... muito bem!... este mano é onça mesmo! Bradava de quando em quando Baptista cheio de enthusiasmo e batendo palmas.

— Coitado! Deus lhe perdôe, como eu lhe perdôo agora de todo o coração.

Era Caluta que ás vezes assim murmurava a medo, ouvindo a horrivel narrativa de seu irmão.

Sempre era um coração de mulher!

— Pois cá da minha parte, — disse Baptista logo que Affonso acabou de fallar, — tambem não me custou pouco a pescar a minha velha; coitada!... esteve por um triz a ir-se embora de uma vez por esse rio abaixo. Foi Deus, Affonso; foi Deus que fallou pela tua bocca, quando me mandaste procurar ella por esse rio abaixo.

— É que meu coração estava adivinhando. Eu logo vi, este meu Parnahyba me quer muito bem; assim como elle é bom para mim e me salva sempre do perigo, tambem não é capaz de fazer mal a nada do que eu quero bem. Mas, vamos lá, Baptista; agora você tambem me conta como foi isso.

A seu turno Baptista poz-se a contar como havia encontrado e salvado sua mulher.

Logo que Affonso, partiu, Baptista deixando os meninos no rancho depois de os ter acalentado e consolado do melhor modo que poude, desceu abeirando o rio, e gritando com quanta força tinha pelo nome de Caluta. Não tinha elle quasi esperança

alguma de encontral-a viva. As corredeiras alli violentas e medonhas quebravam-se com furia entre uma multidão de penhascos e lascas de rochedos. Mesmo o mais robusto nadador só por feliz acaso poderia alli salvar-se, quanto menos uma mulher extenuada pelos desesperados esforços de uma longa e encarniçada lucta.

— Entretanto a Deus nada é impossivel, em todo caso sempre é bom tentar — pensava Baptista, e continuou descendo e esquadrinhando com toda a attenção o leito e a beira do rio. Já tinha andado quasi meia legua ao longo da margem sem resultado algum. Começava a escurecer, e o infeliz desanimado de poder encontrar sua mulher viva nem morta já pensava em voltar para junto de seus filhos, que deixára tão sósinhos no meio d'aquelle deserto, quando cuidou ouvir a pouca distancia uma voz fraca por entre o barulho das cachoeiras chamando por seu nome. Parecia o balido de uma veada exhalando o ultimo alento entre as garras de cães encarniçados.

Correu pressuroso para o ponto donde parecia partir a voz, afiou o ouvido, e conheceu perfeitamente a voz de Caluta, que o chamava. Ninguem póde imaginar com que alvoroço de esperança e de alegria pulsava n'aquelle instante o coração de Baptista.

Como a noite vinha descendo, não foi sem algum custo que chegou a descobrir sua mulher. Estava ella no meio da torrente agarrada a uma porção de coivaras e páus atravancados, que o rio tinha arrastado, e que havia encalhado em uma pequena corôa de pedras que alli existia.

Felizmente, havia resvalado pelas catadupas sem se offender nas pontas dos rochedos, e como sabia optimamente nadar, posto que cançada e levada aos boléos pela torrente, conseguia quasi sempre manter-se á flôr d'agua, evitando affogar-se. Assim foi descendo, até que as aguas do rio querido de seu irmão a depositaram sobre aquelle mólho de coivaras como de proposito, afim de que seu marido tivesse tempo de vir salval-a.

Mas de que modo conseguiria Baptista safal-a d'alli? A corôa de pedra ou baixio distava como umas cinco ou seis braças da margem, um terço talvez da largura total do rio, e era separada da barranca por uma corredeira profunda e precipitada. Seria loucura tentar vencal-a a nado. Com a força das aguas, que nessa occasião iam crescendo algum tanto em consequencia de chuvas nas cabeceiras, a jangada de páus, a que Caluta se achava atracada, começava a abalar-se, e a cada momento ameaçava despegar-se da corôa e rolar pela catadupas abaixo.

Em tão apertado transe cumpria não perder nem um instante. Que fez Baptista?... cortou á pressa no matto um cipó bem forte e bem comprido, amarrou em uma das pontas uma pedra de mais de libra de peso, e disse para Caluta :

— Vê lá não te vá cahir no corpo ; bota sentido e desvia-te. Amarra esse cipó por baixo dos braços, que eu vou te puchar para terra. Lá vai!... sentido!

E Baptista, com toda a força de seu musculoso

braço, atirou a pedra e o cipó, que foi enlear-se em um dos galhos das coivaras. Mas ai d'elles!... com aquelle choque a travada de páus despegou-se da corôa e começou a rodar. Baptista e Caluta soltaram a um tempo um grito de terror. Mas esta, sem que tivesse tempo de fazer o que seu marido lhe havia recommendado, atirou-se com sofreguidão ao cipó e ao pau a que elle se havia enleado.

Debalde forcejou Baptista com quanta força tinha, afim de arrastar tudo para terra. Era impossivel deter aquella euorme e pesada ruma de páus arrebatada por tão consideravel e impetuoso volume de aguas.

Além d'isso, receiava o caboclo que o cipó rebentasse, e, não ousando empregar toda a sua força, não teve remedio sinão ir tenteando, e acompanhando a jangada, ora aos pulos e aos arrancos, rasgando as roupas e as carnes pelos espinhos e escabruras da praia, ora por dentro do rio com agua pelos peitos, em risco de ser arrebatado pela corredeira, elle, cipó, Caluta, coivaras e tudo.

Nesta rude e affanosa labutação teve o pobre caboclo de ir quasi de rastos após sua mulher por aquellas asperas e pedregosas margens por cerca de mil passos. Felizmente, com o choque das aguas e os empuxões do cipó, foram-se desengastalhando alguns páus; e a jangada já muito mais leve tendo chegado a um ponto em que a torrente se tornava menos impetuosa. Baptista conseguiu puxal-a para terra, e depois de muitos riscos e fadigas poude emfim, chorando de alegria, apertar nos braços a esposa livre de todo perigo.

Posto que extenuada de cansaço, e entanguida de frio, Caluta escorada em seu marido e salvador poz-se logo a caminhar, e ambos, com a maior rapidez que lhes era possivel, se encaminharam para o rancho, inquietos e anciosos por verem seus filhos.

Quando alli chegaram, a noite já ia avançada. Os dois meninos, abraçados estreitamente um ao outro sobre uma esteira, dormiam profundamente.

Feliz idade, que nem o medo da morte, nem as

angustias da vida, nem os mais dolorosos golpes do destino pódem subtrahir ao doce imperio das leis da natureza.

Quando acordaram entre os beijos e abraços de sua mae, julgáram por um momento que toda a horrivel scena d'aquella tarde não fòra mais que um pesadelo, que os affligira durante o somno.

VII

O crime de Affonso com todas as suas atrozes circumstancias não tardou muito a ser levado ao conhecimento da policia da capital de Goyaz, a qual logo tratou de dar as necessarias providencias e de expedir promptas ordens no empenho de capturar o criminoso.

Todos sabem o que é a policia nessas vastas e desertas provincias do interior, quão inefficaz e impotente é para punir e reprimir o crime. A policia subalterna dos logarejos, essa — coitada! — treme diante dos arreganhos de qualquer fanfarrão avalentoado, quando não pactua com elle.

O mais que póde fazer é levar o crime ao conheci-

mento do chefe de policia requisitando auxilio, que elle bem poucas vezes póde prestar. Seria mister um numeroso exercito de policiaes para varejar aquellas vastas e invias mattas á cata de criminosos. Até que a denuncia chegue ás mãos do chefe de policia, já elles pódem achar-se cem ou duzentas leguas do logar do delicto.

Apezar d'isso, Affonso, com ser talvez o mais intrepido e o mais robusto e agil de quantos foragidos vagueiam por aquellas solidões, não deixou de cahir por vezes nas mãos das escoltas policiaes, tudo isso devido ao amor extremo que tinha ás mattas que o viram nascer, e ás margens tão caras do seu Parnahyba, das quaes não podia desapegar-se por muito tempo, como se vai vêr pela continuação da presente historia.

Na mesma noite em que Affonso chegou ao rancho, onde encontrou rediviva sua querida irmã, levantou acampamento e desappareceu das mattas do Parnahyba com toda sua familia, da qual d'ahi em

diante nunca mais se separou. Tinha-se embrenhado não se sabe para onde. Talvez tivesse descido até o Paraná procurando os sertões de Matto-Crosso. Talvez tambem tivesse subido por algum dos caudalosos affluentes do Parnahyba e demandasse as margens do magestoso Araguaya ou as florestas do Tocantins. Talvez mesmo, acompanhando o leito do seu rio querido até as suas nascentes, tivesse ganhado o valle do piscoso S. Francisco, outro couto famoso de facinoras e bandidos. Talvez... emfim onde quer que houvesse mattas e um grande rio interior achava-se bem. Varar todos esses sertões do interior para elle era o mesmo que passeiar por suas fazendas, e não encontrar a policia em seu caminho; nenhum obstaculo natural, a não ser o oceano, poderia estorvar-lhe a marcha. Era ou é ainda o Nemrod das florestas brasileiras.

Depois de vaguear por alguns annos bem longe das patrias ribanceiras, apertou-lhe por fim a saudade

do seu Parnahyba por tal fôrma, que não poude mais resistir-lhe.

A nostalgia o consumia; aquelle apego que tinha ao rio e ás mattas qne o viram nascer, era n'elle um fanatismo. Vivia aborrecido e sem gostos, como outr'ora o hebreu exilado ás bordas do Euphrates chorava saudades de Sião. Affonso, sentado á margem dos rios extranhos, não podia esquecer-se do seu querido Parnahyba.

Um dia, depois de estar a banzar triste e com a cabeça entre mãos, Affonso disse para a familia, que se achava reunida em torno d'elle :

— Minha gente, vocês querem saber de uma coisa?... Vamos embora para nossa terra. Isto por aqui não me toa, não. Meu coração está me dizendo que si ficarmos por aqui, alguma desgraça nos ha de acontecer. Estou afflicto por lavar o meu corpo n'agua do Parnahyba ; é lá só que eu sou gente. O maioral de Goyaz já ha de ter se esquecido de mim ; e tambem, estando eu na beirada do meu rio, quem é capaz

de me botar a mão? Eu cahindo nas aguas do Parnahyba vocês bem sabem, é o mesmo que cahir nos braços de meu pae, ou de minha mãe. Vamos embora, minha gente; si lá estamos mal, aqui peior.

— Prompto! — responderam todos cheios de satisfação; e na mesma hora se puzeram em marcha para as relvosas margens do undoso e turbulento Parnahyba. Ahi Affonso com a familia de sua irmã viveu algum tempo contente e tranquillo, sem ser incommodado e sem fazer mal a ninguem, como era seu costume, pois era bondoso e pacato por natureza, e só fazia mal quando era provocado ou aggredido. Mas, bem como nas cidades, nas selvas tambem não faltam delatores; a policia teve conhecimento de que Affonso havia voltado ás mattas do Parnahyba, e andava pelos municipios de Catalão e Santa Luiza; tratou de perseguil-o. Por largo tempo fez repetidas tentativas para captural-o, todas infructuosas.

Affonso, quando mais seguro o julgavam, desap-

parecia como um duende, ou escorregava como uma trahyra.

Taes proezas praticou, que ficou sendo tido por magico ou mandingueiro.

O povo supersticioso do sertão o suppunha filho das aguas, e muitos até propalaram a lenda de que elle era filho de uma india com um monstro do rio, com um bicho d'agua, conforme a phrase sertaneja.

Estava Affonso com sua familia na margem esquerda do Parnahyba, no territorio de Minas. Achavam-se alli reunidos com elle bom numero de caboclos, folgando e convivendo debaixo de um grande rancho aberto, ou casarão arruinado, talvez coberta de carros ou paiol abandonado, nas immediações de uma fazenda sita no meio da matta, a pouca distancia da estrada que n'aquellas alturas communica as duas provincias. Os fazendeiros de uma e outra margem conheciam bem a Affonso, estimavam-no mesmo, e portanto franqueavam-lhe tudo quanto desejava e

nenhum escrupulo nem receio tinham de asylal-o em suas terras.

Dependurados dos caibros do rancho viam-se quartos de boi, onde cada qual, quando bem lhe parecia, mettia a faca e cortava uma posta, que ia assar em um dos fogos que estavam accesos dentro e fóra do rancho. Dous grandes pannos de toucinho, lombos, pernas e entrecostos estavam estendidos sobre uma porta velha derrubada no chão, igualmente á disposição dos convivas.

No meio do rancho um enorme caldeirão de feijão estava continuamente a ferver pendurado a um gancho sustentado por trez estacas encruzadas á moda dos tropeiros. Via-se a um canto, onde ainda existia um resto de parede, um pipote de restilo com sua torneira, onde cada um ia encher o seu cuieté á discrição. Resoava a viola e desde pela manhã naquella boa e rude patuscada tocava-se, cantava-se, dansava-se, cozinhava-se, comia-se, bebia-se, jogava-se e dormia-se tudo a um tempo, e promiscuamente. Af-

fonso festejava o aniversario do dia em que sua irmã fôra milagrosamente salva das garras de Toruna e das aguas do Parnahyba.

Era alta noite; a orgia esfriava e quasi tocava a seu fim. Grande parte dos caboclos se haviam retirado; a maior parte dos que ficaram, por effeito do cansaço e das repetidas visitas ao pipote, dormiam profundamente, estendidos sobre camadas de capim mombéca ou sobre o chão nú. Uma violinha cansada apenas se fazia ouvir lá n'um canto junto a um fogo quasi apagado. Sómente Affonso e sua gente com mais dois outros convivas mais temperantes se achavam alerta conversando á roda do fogo.

Subito ouviu-se um apito, e logo outro e outro successivamente em roda do rancho. Era uma numerosa escolta, que dava sobre elles, e os cercava por todos os lados. Baptista e seus dous filhos, que por esse tempo já eram dous corpulentos e vigorosos rapagões, e outros dous ou trez companheiros se dispuzeram a resistir.

— Para que isso, meninos? — disse-lhes Affonso, com sua voz mansa e vagarosa. Elles têm muito povo e mesmo quando a gente possa fazer frente a elles, nós vamos ficar cada vez mais encalacrados com o maioral de Goyaz, que já não me gosta nada. Deixem-se ficar quietos; não se ponham a perder por amor de mim. Eu tenho de passar o Parnahyba, não é assim?... pois deixem estar, que o meu rio não me deixa ficar mal.

Mal Affonso acabava de proferir estas palavras, uma turba de soldados, entrando de tropel por todos os lados, os cercava e lançava as mãos sobre Affonso, o qual unicamente levavam em vista prender.

Sem a menor resistencia e sem dizer palavra, Affonso entregou os pulsos ás algemas.

A escolta pernoitou com o preso n'esse mesmo logar, e ao romper do dia se pôz em marcha para o passo ou porto chamado Mão de Páu, que distava d'alli cerca de legua e meia. Affonso ia escoltado por

vinte homens armados dos pés á cabeça, uns a pé, e outros a cavallo e bem montados; cercado d'aquella muralha viva não podia haver receio de que ainda pudesse escapar.

Chegados á beira do rio foi forçoso esperar a barca, que estava amarrada na margem opposta, onde existia a casa da recebedoria, um casebre servindo de quartel ao destacamento, e um ranchinho, morada do barqueiro e seus remeiros.

Nem todos os leitores terão uma idéa justa do que é uma barca d'essas com que se faz a travessia dos rios de nossos sertões; portanto não será inutil que d'ellas lhes demos aqui uma ligeira descripção.

Constam de tres canôas collocadas parallelamente com a conveniente distancia e ligadas entre si por um tablado, que lhes corre por cima. Este tablado costuma ser para maior segurança rodeado de um parapeito. São tocadas a dous remos e á vara ou varejão nos logares de pouco fundo. Os remeiros sentam-se na pôpa das canôas lateraes, que sobram

tres ou quatro palmos para fóra do tablado. Na do centro está o leme, enorme e pesada pá, para cujo manejo é preciso um truculento e robusto caboclo. Estas barcas pódem passar de uma vez sete ou oito animaes de carga com todo o seu carregamento, e outras tantas pessoas. O trajecto não deixa de ser demorado e trabalhoso.

Quando a barca chegou, Affonso pediu licença para beber uma pouca de agua. Quizeram dar-lh'a em uma cuia; mas elle recusou dizendo que queria beber agua do rio apanhada com suas proprias mãos. Então elle chegou-se para a beira do rio, tendo sempre unidos a si dous soldados álerta a qualquer movimento que fizesse; parecia que até tinham medo que elle se sovertesse pelo fundo das aguas.

Affonso, assim mesmo com as mãos algemadas, abaixou-se de bruços sobre o rio, bebeu alguns goles de agua, tomou tambem um pouco nas mãos e benzeu-se com ella, murmurando entre si : ah ! meu rio ! ainda d'esta vez não me deixes ficar mal !

— Oh! oh! exclamou um dos guardas observando aquillo, bem me diziam que este bicho é mandigüeiro. Não viste o que elle acaba de fazer?

— Oh! se vi! acudiu o outro; estava rezando sua oração de caborgeiro, mas deixe-o por minha conta, que d'esta vez não lhe ha de valer de nada a mandinga. Então, meu melro, accrescentou voltando-se para o preso, é certo que você tem parte com o diabo?

— Com o diabo, não senhor, respondeu Affonso sorrindo com o seu ar bonachão, com Deus e a Virgem Maria, isso sim!

— Com Deus ou com o diabo, d'esta vez eu te juro qne não nos has de escapar. Vamos, minha gente!... toca a embarcar.

VIII

Era quasi meio-dia. A tempestade roncava temerosa para as bandas das cabeceiras do rio, que começava a engrossar com assustadora rapidez, arrastando na torrente turva e impetuosa grossos troncos e enormes galhados de arvores.

— Bom! disse Affonso comsigo, o meu Parnahyba já começa a ficar zangado por me vêr em trabalhos. Alguma elle quer fazer para me livrar.

A tempestade não era motivo sufficiente para retardar a marcha; toda aquella gente estava muito avezada a passar rios cheios. Apezar, pois, da enchente, que começava a assoberbar as margens de modo pavoroso, apezar dos enormes troncos e rumas

de coivaras, que vinham de roldão pela agua abaixo, soltaram a barca e a impelliram para o meio do rio.

Affonso ia em pé no meio do tablado, fechado dentro de um circulo de soldados. Tinham receio — e elle era bem capaz disso — que se atirasse n'agua, e se salvasse a nado, mesmo algemado como estava. Quando iam chegando justamente ao meio do rio, um tronco gigantesco, com suas galhadas erguidas ao ar á semelhança de garras de um monstro aquatico, vinha, com assustadora violencia, investindo direito sobre a barca, que a muito custo rompia á força de remos a extraordinaria correnteza das aguas. Ouvio-se um grito de alarma ; a pallidez do pavor pintou-se em todos os semblantes, e ninguem reparou um riso de intima satisfação que n'esse momento illuminou a physionomia do caboclo prisioneiro. Os soldados atarantados e cheios de susto îam d'aqui para alli remoinhando sobre o tablado sem atinarem com o que deviam fazer. Dous d'elles,

porém, mais atilados e resolutos ao grito do mestre da barca, pegaram nos varejões e puzeram-se em attitude de esperar e desviar na ponta d'elles o tronco, que vinha direito abalroar em cheio sobre a barca, e fazel-a sossobrar irremessivelmente. Assim o conseguiram com effeito, e d'ahi a um instante, entre immensa celeuma de triompho e de alegria, o tronco descia vogando magestosamente ao lado da barca a uma braça de distancia. N'aquella crise de confusão e pavor os soldados tinham-se esquecido de Affonso, e o circulo, dentro do qual se achava encerrado, tinha-se desmanchado. Affonso de um passo ganhou a borda da barca, e firmando um pulo de assombrosa precisão foi cahir em pé em cima do tronco, sobre o qual no mesmo instante deixando-se escorregar achou-se sentado muito a seu commodo. Quem visse aquelle vulto colossal sentado sobre um tronco boiando tranquillo e magestosamente á mercê da torrente, cuidaria vêr o genio do rio sobre seu throno fluctuante, governando

com o gesto e com o olhar as revoltas e turbulentas ondas.

Os soldados a principio, attonitos e assombrados com semelhante rasgo de agilidade e de coragem, ficaram de bocca aberta contemplando aquelle curioso espectaculo. Em breve, porém, cahiram em si e lembraram-se do seu dever, mas que poderiam elles fazer n'aquellas circumstancias? Alguns de entre elles levaram a arma ao rosto, querendo atirar sobre o fugitivo.

— Alto lá! bradou o commandante, levando a mão ao cano da arma de um, que lhe estava proximo e fazendo-a baixar. Alto lá... não sabem que não ha ordem para se atirar em quem foge?...

Os soldados abaixaram as armas, e Affonso sobre seu throno fluctuante continuou a boiar serenamente rio abaixo lançando sobre seus perseguidores um olhar triumphante envolto em um sorriso de mofa.

Quando a barca, rompendo a muito custo a torrente cada vez mais entumecida e violenta, poude

atracar a outra margem, já Affonso com o seu tronco tinham desapparecido ha muito na primeira volta do rio.

Era tempo perdido querer perseguil-o. Quer por agua em alguma canôa, quer costeando o rio atravez de uma selva espessa e emmaranhada, era impossivel tornar a pôr-lhe as mãos.

Entretanto Baptista e seus dous filhos que acompanhavam a escolta, e que tudo haviam presenciado, apenas Affonso saltára sobre o tronco, haviam corrido pela margem opposta, escondidos pelo matto; e lançando mão de uma pequena canôa de pesca, que tinham mais abaixo, foram em soccorro de Affonso e o puzeram a salvo.

Cerca de um anno mais tarde ainda Affonso se deixou colher nas rêdes da policia que não cessava de perseguil-o. Teve logar a captura nas immediações do pequeno arraial do Vaivem, situado como a dez leguas da villa do Catalão. Affonso, como era seu costume, não quiz oppôr resistencia alguma á prisão,

podendo tel-o feito talvez com vantagem. A escolta com o preso tinha de passar o rio Verissimo, confluente do Parnahyba. O passo do rio é justamente no logar onde o Verissimo se encontra com outro ribeirão igualmente caudaloso, e que tem o nome de Braço.

Ahi, porém, não ha barca; a passagem se effectua em uma pequena e estreita canôa, passando-se os animaes a nado.

— Não tem perigo! murmurou comsigo Affonso; si não estou na Parnahyba, estou nos braços d'elle. Deus e o meu rio ainda d'esta vez me hão de valer.

Os soldados da escorta já escarmentados com as proezas de Affonso, cuja fama andava de bocca em bocca por toda a provincia de Goyaz, d'esta vez o puzeram na canôa amarrado de pés e mãos.

O céo estava puro, e o sol vibrava raios abrasadores; mas para o lado das nascentes dos dous rios o horizonte estava carregado; fuzilava, e ouvia-se o ronco de uma trovoada ao longe. Os dous rios co-

meçavam a tomar agua, arrastrando na corrente encapellada e impetuosa quanto páu e coivaras encontravam pelas ribanceiras.

— Estes meus rios, disse Affonso comsigo, creando alma nova, estes meus rios não pódem me vêr em apertos, que não se zanguem e não me venham trazendo suas canôas para me valerem.

Seis soldados embarcaram-se com Affonso, que ia sentado no fundo da canôa justamente no meio d'elles.

Com o remador que ia sentado á popa, eram oito pessôas ao todo.

Affonso então pôz em pratica uma parodia viva do feito de Sansão no tempo dos Philisteus, porém com mais feliz resultado. Atado de pés e mãos, quasi nenhuma esperança lhe restava de salvar-se com vida, e era sómente a confiança fanatica que depositava na protecção de seu rio natal, que ainda lhe dava algum alento ao coração.

A pequena canôa calava extraordinariamente, e

apenas conservava fóra d'agua meio palmo de bordo quando muito.

Chegando bem no meio do rio, Affonso resolvido a perecer com quantos o escoltavam, calcou fortemente com todo o pezo do seu corpo agigantado sobre um dos bordos da canôa, e a fez emborcar despejando n'agua toda a carga e passageiros.

O rio crescia de momento a momento e a correnteza tornava-se cada vez mais impetuosa. Dos desgraçados que se achavam na canôa com Affonso, apenas dous mais felizes ou mais robustos nadadores puderam escapar.

Affonso, nadando aos arrancos e dando corvocos como um bôto, com grande custo conseguio alcançar um dos muitos troncos, que rodavam rio abaixo, e atravessando-se por cima d'elle deixou-se levar pela torrente. Seu cunhado e seus dous sobrinhos, que sempre o acompanhavam, já estavam apercebidos, e á sua espera escondidos na primeira curva do rio, e mettendo-se a nado o puzeram em salva-terra.

IX

Abaixo da villa de Catalão umas vinte e tantas a trinta leguas, no municipio de Santa Luzia, o rio Parnahyba despenha-se em uma cascata magnifica, cuja existencia se denuncia muitas leguas ao longe, por seu perpetuo e monòtono estrugido.

Esta cataracta, que tem o nome de Cachoeira Grande, é uma das mais bellas e curiosas quédas d'agua que existem na America do Sul, e tambem uma das menos conhecidas.

O rio, depois de cerca de uma legua de curso rapido e silencioso, encanado em um leito igual e quasi recto, como por uma bica de ferir, vai precipitar-se de chofre e de um só jacto com pavoroso

estrondo em um abysmo de mais de seis braças de profundidade. Em baixo as aguas expandem-se em um vastissimo tanque, cujas ondas agitadas pelo choque poderoso da enorme quéda empolam-se e estiram-se frementes pelas bordas, para proseguirem d'ahi em diante mais tranquillas e serenas a sua viagem atravez das mattas da solidão.

Em uma e outra margem corre uma larga praia arenosa semeada de grandes rochedos negros. Essa praia é fechada pela floresta, cujos troncos e galhos cobertos de limo verde e de musgos pendentes, em razão do chovisco perenne que a cataracta espalha na atmosphera, estão sempre a gottejar como as barbas de um velho tritão. Faz horror avizinhar-se do medonho boqueirão em que o rio se despenha. Parece que estremecem as entranhas da terra, e que o mundo desconjunctado está desabando no meio de uma horrorosa trovoada. O que ha, porém, de mais curioso na dita cachoeira, é uma gruta, que alli existe mesmo por baixo da cataracta, gruta singular,

unica, estranha, cuja abobada é formada de um lado pela rocha solapada, e do outro pela enorme columna de agua que se despenha das alturas. Só o encarar de perto aquella tremenda furna de agua e pedra, dentro da qual parece que ruge medonha a voz do genio da destruição, causa pavor. Penetrar n'ella é empreza arriscadissima, a que rarissimos se têm aventurado. Além de tudo a entrada é por cima de rochedos desiguaes, lisos e escorregadiços, o que torna o ingresso ainda mais perigoso e quasi impossivel.

Dizem que é profunda e espaçosa e que não falta muito para varar do outro lado do rio. Si de feito varasse, teriamos um tunnel de natureza especial, unico e assombroso (1).

Outra curiosidade tambem notavel é a prodigiosa

(1) Disseram-me, ha annos, que um grande rochedo da cataracta tinha desabado, alterando consideravelmente sua fórma primitiva. Será pena que tenha desapparecido a curiosa gruta.

abundancia de peixe, que ha embaixo da Cachoeira Grande. Na estação propria vê-se pelas bordas o veio do rio litteralmente coalhado de peixes de variadas especies e tamanhos, a ponto quenos logares razos não é difficil pegal-os a mão. É curioso de vêr-se aquellas myriades de peixes dando saltos ao ar, fazendo reluzir ao sol escamas de ouro e prata, de azul e de carmim, e esforçando-se inutilmente para galgar a cachoeira e subir aguas acima.

Acontece muitas vezes que, errando o salto, ou esbarrando nos rochedos, elles vêm cahir em secco, de maneira que alli quasi não é preciso anzol nem rêde, nem outro qualquer artificio para se obter pescado com abundancia.

Essa extraordinaria affluencia de peixe n'aquelle logar é devida a um phenomeno que se observa em todos os nossos rios e talvez em todos os rios do mundo.

Os peixes do rio, como as andorinhas do ar, vivem em constantes e periodicas emigrações. No

tempo da secca com a baixa das aguas todo o peixe do curso superior do rio, ou deixando-se levar pelas corredeiras, então mais violentas, ou procurando uma temperatura mais agradavel, ou por outro qualquer motivo que ignoro, viaja continuamente aguas abaixo.

Quando vem a estação da chuvas, e que as aguas trez ou quatro vezes mais abundantes, disfarçando e quasi fazendo desapparecer os saltos e cachoeiras, lhe permitte subir com facilidade, arripia carreira e volta aguas acima em cardumes innumeraveis ou em busca de alimento, que lhes fallece no curso inferior do rio, ou querendo talvez voltar a seus ninhos conhecidos.

Quando alguma grande cachoeira ou salto, que não pódem superar, lhes embarga a marcha, tem logar então essa extraordinaria agglomeração de peixe em um só ponto, como acontece na Cachoeira Grande. É por essa razão que o Parnahyba é tão escasso em peixe na parte superior a essa cascata.

Quasi todo o peixe, que se cria n'essas regiões, no tempo da secca desce a cachoeira e nunca mais póde subir.

Na quadra da subida do peixe muitas pessôas com suas familias acodem ás inmediações da Cachoeira Grande pelas fazendas vizinhas, onde vão regalar-se de fresco e saboroso peixe, e fazer d'elle abundante provisão. Tambem grande numero de caboclos, d'esses nomades semi-barbaros que vivem por aquellas mattas, costumam levantar seus ranchinhos á beira do rio junto á cascata, e levando apenas sal, pimenta e aguardente, comendo peixe, cantando e tocando viola, alli passam semanas e semanas folgando em santo ocio.

Affonso era um dos freguezes certos de Cachoeira Grande, que conhecia desde creança. Quando estava no valle do Parnahyba, nunca deixava de ir alli no tempo proprio passar uma boa temporada com sua familia.

Tendo conhecimento d'esse facto, a policia de

Goyaz, alguns annos depois da ultima evasão de Affonso, entendeu que não podia haver melhor ensejo para o colher ainda uma vez em suas rêdes, e na quadra propria expedio da capital em diligencia, para prendel-o, uma numerosa escolta que foi postar-se cautelosamente em observação nas immediações da Cachoeira Grande.

Affonso estava deitado sobre uma esteira de burity, á sombra de seu rancho, dormindo tranquillamente a sésta ao rugido estrugidor da cataracta, quando foi despertado subitamente aos gritos de — patrulha, patrulha!... foge, foge, Affonso! são muitos!... estamos perdidos!...

Affonso levantou-se esfregando os olhos e espreguiçando-se com todo o socego.

— Que é d'elles?... já estão ahi?... perguntou com a maior calma.

— Já!... já estão pertinho. Foge, Affonso; depressa, si não estás perdido.

— Qual perdido!... vocês não estão vendo que eu

estou na beira do Parnahyba. Deixem que venham e fiquem socegados.

Mal Affonso teve tempo de pronunciar estas palavras, já os soldados estavam apenas a alguns passos de distancia.

Então Affonso, sem mais outra arma que uma comprida mangoála, correu para junto da cascata, que ficava como a uns duzentos passos do logar onde tinha o seu rancho, e foi postar-se á entrada da extraordinaria lapa formada de granito e agua, de que acima fallámos. Como os soldados se approximavam, voltou-se para atraz e com um aceno de cabeça e um sorriso de inexplicavel expressão apontou para a gruta como que convidando-os a que o acompanhassem.

Immediatamente, sem dar tempo a que lhe puzessem a mão, firmando-se em sua mangoála foi caminhando com pé firme sobre os rochedos escorregadiços, e, entrando tranquillamente pela horrendo lapa a dentro, sumio-se nas anfractuosidades do ro-

chedo. Os soldados viram pasmados o vulto colossal de Affonso desapparecer como um espectro n'aquella pavorosa espelunca, e em seu assombro pensaram estar á porta de um inferno de aguas, do qual aquelle phantasma era o rei omnipotente.

X

Apenas restabelecidos do seu primeiro e profundo pasmo, os soldados voltaram-se uns para os outros, como que interrogando-se entre si o que deveriam fazer. Um d'elles mais audaz, querendo aventurar alguns passos para penetrar na lapa, ou ao menos devassar com a vista o recanto em que Affonso se escondêra, escorregou, cahio e esteve por um nada a rodar no abysmo das aguas, arrebatado pela cataracta. Nenhum mais ousou dar um só passo para diante, nem fazer a minima tentativa para entrar na medonha furna.

Vendo, pois, que lhes era impossivel o ingresso n'aquelle horrendo escondrijo, depois de delibera-

rem por alguns minutos, resolveram que o melhor partido a tomar n'aquella conjunctura era ficarem de pé firme, fazendo sentinella viva á entrada da lapa, até que o fugitivo se resolvesse a sahir ou ficasse lá dentro morto de fome e frio. N'esse designio expediram dous companheiros á fazenda mais proxima, afim de irem procurar alguma provisão de bocca, ao menos sal, farinha e toucinho, pois havia peixe de sobra para abastecer-lhes fartamente a cozinha.

E, portanto, alli estabeleceram seu abarracamento. mui anchos e contentes. applaudindo a sua fortuna e dando graças a Affonso, que depois de longas e peniveis marchas lhes proporcionava occasião de descançarem e regalarem-se de peixe por alguns dias á beira da Cachoeira Grande. Vendo o peixe em cardumes acudir ás praias e vir saltando cahir debaixo de seus pés, aquella soldadesca faminta, cançada e estropiada ficou animada e alegre, como o povo de Deus, quando, depois de soffrer no deserto

todos os horrores da fome e da sêde, vio chover maná do céo e rebentar agua do rochedo.

— Que bello! eim, camarada! dizia um d'elles no auge do enthusiasmo, haja cachaça, sal e farinha, que estou prompto a ficar aqui toda a minha vida.

— Tambem por minha parte póde Affonse ficar lá dentro de sua lapa quanto tempo quizer, que eu não darei o cavaco, antes lhe ficarei muito obrigado.

— E que vidinha não ha de o tratante estar passando lá dentro! só aquelle medonho barulho d'agua é capaz de matar a gente.

— Vocês pensam que elle é capaz de aguentar-se lá por muito tempo?... não ha de tardar muito a espirrar para fóra; vocês verão.

— Sim, mas é preciso cuidado e olho vivo; elle corre que nem uma ema.

— Em todo o caso permitta Deus que elle de la

não saia ão cedo e que ao menos nos dê tempo de tomar um fartão de peixe.

— E quem sabe si o demonio não escorregou por essas bibócas abaixo e não está ha muito tempo na barriga dos peixes?...

— Affonso na barriga dos peixes?... o que é que você está dizendo?... o mais certo é elle estar já são e salvo ahi por esse matto, rindo-se de nós que aqui estamos como patetas guardando uma lapa vazia. Eu conheço muito esse indio Affonso; elle tem parte com o diabo.

— Ah! ah! atalhou um com uma grande gargalhada.

— Não serei eu que hei de engolir essa! pois quem cahe alli póde escapar? Ora, vá contar essa mais adiante, que aqui não pega.

— Como não ha de escapar!... si quando elle cahe n'agua, vira peixe!... quer vocês me creiam, quer não creiam, eu já vi com estes olhos que a terra ha de comer.

— Si vira peixe, ou não, isso eu não sei; mas que o tratante é encantado e mandigueiro mestre, eu affiànço. Se não fosse isso, como é que cahindo amarrado de pés e mãos no meio de um rio como é o Verissimo e de mais a mais cheio, poude escapar com vida?...

— Pois si elle não é filho de gente!... esse povo por ahi costuma dizer que elle é filho de uma gentia com um bicho d'agua, e si eu duvido, macacos me mordam.

— Oh! oh! oh! essa ainda é melhor! pois eu juro que d'esta vez o seu pae d'agua não lhe ha de valer.

— E eu aposto quanto quizerem que nem vivo nem morto nunca mais elle sáe d'aquelle buraco.

— Devéras, camarada! melhor para nós; os anjos te fallem pela bocca... porque no fim de contas, quer elle esteja lá dentro, quer não, nós não temos remedio sinão aqui ficarmos de plantão ao menos oito dias para a gente poder ter certeza de que, si

elle lá está dentro, está morto e bem morto. E n'esse caso minha gente, viva a alegria, e toca a folgar e a comer peixe.

— Apoiado! apoiado! — bradaram todos a um tempo.

— Viva o indio Affonso! — exclamou um, empunhando um cuieté de cachaça.

— Ou morra — acudiu o outro, comtanto que não saia da tóca.

— Apoiado! apoiado! muito bem! bradaram todos.

Os estylos parlamentares são hoje conhecidos e empregados por todo o mundo até nas mais remotos sertões.

— Esta conversa era gritada pelos soldados com toda força dos pulmões, para que se pudesse ouvir no meio do medonho estrugido da cataracta, e toda aquella algazarra mesclada ainda ao estuar das aguas pelas areias da praia, aos gritos roucos e estridentes dos gaviões de pennacho, que esvoaçavam

sobre o rio, dando caça aos peixes, ao rugido dos ventos açoitando a grenha das florestas, aos alarido e cantarolas de uma multidão de caboclos, que se achavam derramados por uma e outra margem, pescando e divertindo-se, formavam a mais singular e monstruosa orchestra que se póde imaginar.

Durante esse dia a escolta manteve continuamente á entrada da gruta sentinella activa e vigilante.

Chegada a noite accenderam uma grande fogueira, e dobraram de cuidado e vigilancia; quatro sentinellas sempre alerta, postadas á menor distancia possivel da cataracta, fizeram constantemente o bloqueio da pavorosa furna.

Emfim o dia amanheceu e Affonso não dava signal de si.

Os soldados, avizinhando-se o mais que podiam da bocca da gruta, gritavam por Affonso com toda a força de seus pulmões, e nem um écho ao menos respondia lá de dentro.

— Então? que dizia eu?... cortem-me a cabeça,

si o maldito ainda está ahi dentro, e si já não anda bem fresco ahi por esse matto.

— Fresco talvez elle esteja, mas Deus me livre tal frescura!... si não responde, é porque não quer, ou porque o diabo o levou por esse rio abaixo... Olha, rapaz; repara, como a gente d'elle está sempre a olhar para cá afflicta e desassocegada... Si Affonso já se tivesse safado, nem elles estariam alli mais.

— Qual! estão fazendo seu papel para dar tempo, a que elle tome larga...

— Tudo póde ser: mas emfim emquanto isto não se decide, toca a folgar e vamos ao peixe.

De feito tambem de sua parte a familia de Affonso, que não se havia arredado do logar em que se achava arranchada, olhava continuamente para o lado da gruta com anciedade e inquietação. Tambem elles ignoravam qual o designio que Affonso tinha em vista indo se esconder n'aquella horrenda e

pavorosa espelunca, pois que elle não tivera tempo de lhes dizer cousa alguma a esse respeito.

Tambem elles tinham velado a noite inteira percorrendo e explorando com todo o cuidado longa extensão da margem do rio a vêr si Affonso vivo ou morto lhes apparecia.

XI

Era meio-dia. O sol sempre abrasador n'aquellas paragens, ainda mesmo nos mezes de maio e junho, mórmente á beira dos grandes rios, dardejava seus raios do alto da esphera azul e serena, tingindo de variegados reflexos os enormes rolos de espuma da cachoeira, e reverberando uns vivos e deslumbrantes lampejos sobre a colossal espadana como sobre uma lamina de aço polido.

Os soldados estendidos pela praia, uns dormiam, outros assavam e comiam peixe, outros jogavam o pacáu sobre uma pedra, outros, estendidos de barriga para o ar sobre a areia, fumavam olhando para o céo, emquanto dous sempre vigilantes, e a pé

quedo, tinham os olhos pregados na entrada da lapa.

— Meu Deus! que estará fazendo Affonso até esta hora dentro d'aquella maldita furna?!...

Isto dizia Caluta sentada sobre uma pedra á beira do rio, com o rosto apoiado sobre as mãos, abanando tristemente a cabeça, e com os olhos fitos na cataracta, a seus dous filhos, que alli estavam em pé junto d'ella.

— Queira Deus! queira Deus! — continuou ella. — Queira Deus d'esta vez não lhe aconteça alguma desgraça! aquillo alli é tão perigoso!... Deus sabe se não cahiu dentro da cachoeira!...

— Não se afflija, minha mãe; meu tio bem sabe o que faz. Desde creança elle conhece esta cachoeira e sabe de todos os seus recantos.

— Socegue seu coração, minha mãe; vm. bem sabe que emquanto o tio Affonso estiver no Parnahyba, não corre risco de qualidade nenhuma.

Isto diziam os dous rapazes para consolar e tran-

quillisar sua mãe, emquanto elles mesmos do fundo d'alma nutriam bem sérias inquietações a respeito da sorte de seu tio.

N'esse momento ouviu-se do outro lado do rio um assobio agudo, estridente e fortissimo.

Todos immediatamente, soldados e caboclos, volveram os olhos para a outra margem.

Em pé, de braços cruzados, sobre um rochedo á beira do rio se via um vulto colossal olhando com ar risonho para a margem fronteira.

Era Affonso.

Como porém elle pudera escapar d'aquella espelunca formidavel, eis o que até hoje ainda não é bem liquido. Uns pretendem que aquella lapa tenha um respiradouro, que communica com a parte superior da cachoeira, respiradouro só conhecido dos caetetús, das serpentes e de Affonso, e que fôra por ahi que elle se salvára. Outros querem asseverar que, penetrando pela furna a dentro ha um logar, em que a columna de agua despenhada se adelgaça

onsideravelmente e que Affonso com sua extraordinaria força e agilidade varando-a de um salto se arrojára sobre os borbotões de espuma e ganhára a nado a outra margem durante a noite. Outros affirmam que Affonso, resolvido a morrer antes do que a entregar-se, confiado sómente em Deus, na força de seu braço e na protecção de seu rio, atirou-se á tôa no tremendo boqueirão durante a noite, e que por um feliz acaso as ondas revoltas o puzeram fóra do perigo sem o offender.

Fosse como fosse, o certo é que um sentimento ao mesmo tempo de pasmo e de desapontamento se apoderou dos soldados, emquanto um grito de indefinivel alegria rompia dos labios de todos os membros da familia de Affonso.

— Adeus, minha gente! até outra vista! — bradou Affonso do outro lado, saudando com a mão e com um sorriso de alegre ironia.

Os soldados, vendo que não era possivel passar para o outro lado para perseguir Affonso, visto que

alli não havia nenhuma canôa sinão a grande distancia, trataram de arrumar as suas mochilas, e corridos e desapontados foram se retirando, dando Affonso a todos os diabos, não tanto por lhes ter escapado das unhas, como por não lhes ter dado tempo sufficiente para vadiarem e fartarem-se de peixe á borda da cachoeira.

— Diabos me carreguem, iam elles murmurando entre si, — si eu tenho mais vontade de entrar em diligencia para prender semelhante maldito.

— Cruz! Ave-Maria!... o velhaco parece que é mesmo encantado.

— Ah! já vocês acabam de crer!... eim?... eu não dizia que elle tem parte com o diabo?...

— Qual parte, nem meia parte com o diabo!... elle é o diabo em pessoa.

— Com a differença de que o inferno d'elle, em vez de ser de fogo, é de agua.

— É o demonio das aguas.

Os leitores terão deprehendido d'esta minha veridica e pontual historia que o indio Affonso não é um facinora, mas sim um homem de bem, cheio de bellas qualidades e sentimentos generosos, porém vivendo quasi no estado natural no seio das florestas, em lucta a um tempo com os bandidos e facinoras que o rodeiam, com a natureza selvatica e as féras do sertão, e com a policia que o persegue. É essa vida rude e agitada que lhe tem desenvolvido a um ponto extraordinario a astucia, a valentia e a robustez proprias de sua natureza.

N'aquelles desertos, no fundo d'aquellas immensas florestas, onde a acção da justiça social é quasi nulla, o homem, por mais inoffensiva que seja a sua indole, vê-se muitas vezes forçado a defender-se contra seus semelhantes, como quem defende-se das onças e das serpentes.

Todavia não consta que Affonso tenha commettido outro homicidio a não ser o que deixámos narrado n'esta historia. Si excedeu-se um pouco na cruel-

dade da vingança, é porque idolatrava sua irmã e estava acceso em colera, e sómente a justiça social tem o privilegio de ser fria e impassivel na applicação da pena.

Reconhecendo isto talvez, e desanimada de poder capturar o terrivel caboclo, a policia de Goyaz parece que o largou de vista, e Affonso, si bem que sempre desconfiado e alerta, continua a passear livremente pelas floresta do Parnahyba.

O heroe d'este conto, ha dez annos, era vivo e moço ainda. É de crêr que ainda exista, e que a esta hora tenha já fabricado novos assumptos para historias, como esta, que acabo de contar. Emquanto, porém, não chegam ao meu conhecimento, prometto ás amaveis leitoras contar-lhes em breve alguma historia que seja menos bronca e selvatica do que esta que acabam de lêr.

FIM DO INDIO AFFONSO.

A MORTE

DE

GONCALVES DIAS

Á'

MORTE DE GONÇALVES DIAS

CANTO ELEGIACO

Que fado o teu, Gonçalves !... que desdita !...
Ai ! quantas agonias
Vieram conturbar-te a mente afflicta
Nos derradeiros dias,
Quando no meio das tormentas bravas
O teu formoso espirito exhalavas !...

Qual alcyon dormindo sobre o ninho
Das vagas balouçado,
A's vagas entregaste — tão sósinho —
O teu corpo alquebrado,
E vinhas vêr, atravessando os mares,
Pela ultima vez teus patrios lares.

Cruel doença as fontes te seccava
Da debil existencia,
E já quasi do vaso se entornava
Essa immortal essencia,
O sopro, que dos labios de Deus sáe,
E que, quando lhe apraz, a si retráe.

Ah! que saudade, que palpite ancioso
No peito lhe offegava,
Quando pelo horizonte nebuloso
As praias lobrigava
Da doce patria, e os coqueiraes viçosos,
Que de longe acenavam-lhe saudosos.

Já da vida, que esvae-se, o extremo alento
No peito lhe lateja;
Mas á luz da esperança ainda um momento
Sua alma se espaneja,
Que já lhe trazem virações fagueiras
Os aromas da terra das palmeiras.

Eil-a! — do occaso lá na linha extrema,
A patria; eil-a acolá!...
E os palmares, por onde vaga a ema
E canta o sabiá!
Eil-a, a formosa terra dos amores,
Ninho viçoso de verdura e flôres.

Ah! não permitta o céo que elle succumba
Sem vêr a patria amada!
Possa elle vêl-a, embora encontre a tumba
Por seus pés cavada;
Vêr a patria, e morrer beijando a terra,
Que os ossos de seus paes no seio encerra,

Ai ! uma hora, ó Deus ! uma só hora
Deixa-o ainda viver ;
Deixa-o na doce patria, por quem chora,
Entre os seus ir morrer,
Não pereça tão junto aos lares seus,
Sem poder lhes dizer o extremo adeus !

II

Mas da borrasca as nuncias temerosas,
Densas nuvens, se estendem pelos céos,
E o mar levanta em vagas alterosas
Medonhos escarcéos.

Das ondas e dos ventos embatido,
Qual bravio corsel,
Que as redeas arrebenta de insoffrido,
O trepido batél,
Ora do firmamento segue o rumo,
Ora aos abysmos quasi desce a prumo.

Por entre os estertores da borrasca
O navio aos boléos estala e range;
O medonho tufão, que os mastros lasca,
Os mais valentes carações confrange.
Bem perto em furia o mar alli rebenta
Entre as pontas de horrificos abrólhos,
E da morte a figura malicenta
Do nauta surge aos olhos.

Mas Gonçalves não ouve a orchestra irada,
Em que convulsa a natureza arqueja;
Já sobre sua fronte laureada
Da morte o sopro adeja.
A doença, e o oceano turbulento
A nobre, infeliz victima disputam,
E, para lhe arrancar o extremo alento,
Como á porfia luctam.

E emquanto fóra o furacão restruge
E quebra ao lenho o mastro escalavrado,
Emquanto em torno o mar referve e ruge,
Mostrando ao nauta o abysmo escancarado,
No estreito camarim
Dentro e fóra de si o bardo sente,
Que o destino inclemente
Dos dias seus está marcando o fim;
E entre as scenas horriveis, que o compungem,
Sósinho, abandonado, o illustre vate
De duas mortes, que de perto o pungem,
Soffre o tremendo embate.

Contra o furor insano da tormenta
Labuta em vão o sossobrado esquife,
Yá nos parceis esbarra, e emfim rebenta
Nas pontas do recife;
E navio e poeta o abysmo torvo
N'um só momento os engolio d'um sorvo.

Entre os roncos medonhos da procella,
Liberta já da morbida prisão,
Voou ao céo aquella alma tão bella
Nas azas do tufão.

Da tempestade o brado pavoroso
Foi seu hymno de morte;
O oceano o sepulchro glorioso,
Que deparou-lhe a sorte.

Sobre elle estende o pégo tormentoso
Mortalha d'alva espuma;
E assim do vate o fado lastimoso
Na terra se consuma.

E a vaga, que o tragou no bojo horrendo,
Estourando nas broncas penedias,
Veiu na praia murmurar gemendo:
— Morreu Gonçalves Dias! —

III

E tão perto, — na extrema do horizonte —
A patria lhe sorria ;
E para lhe adornar a inclita fronte
Novos lauréis tecia.

Ella anciosa e sofrega, esperava,
E ás vagas do oceano perguntava
Por seu filho querido ;
E no meio do horrisono bramido
Das ondas irritadas,
Aos uivos das rajadas
Estas sentidas vozes exhalava :

« — Onde te foste, filho muito amado?...
Ah! porque deixas o teu patrio ninho,
E a longes terras vais afadigado,
Tão fraco, tão sósinho,
Longe dos lares teus buscar descanso
Que só pódes achar no seu remanso?

Saudoso sabiá d'estas florestas,
Que nas sombras tranquillas te aninhavas,
E nas ardentes séstas
Com teus lindos gorgeios me embalavas,
Saudoso sabiá, porque fugiste?
Porque voaste além?
Porque deixaste tão sósinha e triste,
Quem tanto te quer bem?

Porque deixaste, filho aventureiro,
De tua mãe o tepido regaço,
Para entregar ao pégo traiçoeiro
O teu porvir escasso,

Trocando a paz serena de teus lares
Pelo baloiço perennal dos mares?
Temerario alcyon, que d'estas plagas
Mudaste o ninho em hora de bonança,
Porque confias ás traidoras vagas
Tua ultima esperança?

Vem, que te aguardo aqui saudosa, inquieta,
Corre, corre a meu seio;
Vem, não mais te demores, meu poeta,
Que mata-me o receio,
Cruel receio de não vêr-te mais,
Nem mais ouvir teus cantos immortaes.

Vem pendurar á sombra da palmeira
Inda uma vez a tua errante maca;
E emquanto d'alva praia pela beira
Ferve e ronca a ressaca,
Emquanto a brisa tepida farfalha
No tope dos coqueiros,

E pelos ares mansamente espalha
Aromas lisongeiros,
Canta ainda uma vez essas cantigas,
Que fazem recordar éras antigas.

Suave allivio ao teu padecimento
Só pódes encontrar no seio meu;
Ao teu peito alquebrado dar alento
Quem póde sinão eu?

Ainda aqui meneiam as palmeiras
Seus tremulos cocares;
E as viçosas, floridas laranjeiras
Suave aroma espalham pelos ares,
A luz d'estes formosos horizontes,
O écho d'estas fontes
Ainda te farão scismar de amores,
E da lyra extrahir aquelles hymnos
Doces, enlevadores,

Quaes só sabem cantar choros divinos,
D'estes vergeis entre as virentes comas,
Onde perenne a primavera brilha
Alentarei teu peito com aromas
De jambo e de baunilha,
E para acalentar teus soffrimentos
Saudoso sabiá,
A tardinha com languidos accentos
Teu somno embalará.

Mas ah! si não me é dado vêr-te mais,
Nem mais ouvir teu canto;
Si mais não pódes escutar meus ais,
Nem enxugar meu pranto,
Ah! si já sobre a terra está marcado
O termo de teu giro,
Vem ao menos soltar, ó filho amado,
No seio meu teu ultimo suspiro.»

IV

Elle entre-ouvia estas doridas vozes
No meio das borrascas,
N'alma e corpo a soffrer dôres atrozes
Da agonia nas vascas.
E ao rebentar de vagalhão medonho,
Aos solavancos doidos da procella,
Entre escarcéos de espuma,
Como em miragem de affrontoso sonho
Da patria lhe sorria a imagem bella
Envolta em negra bruma.
Elle a escutava, n'esse transe extremo,
A mãe, que em ais rompendo o seio terno
Mal póde soluçar o adeus supremo
Ao filho que se vai a exilio eterno.

E o bardo illustre... ó Deus! que fatal sorte!
Que sina desastrada!
Dentro de si e fóra via a morte
Erguer-se para elle duplicada;
Uma o mirrado coração gelava,
A outra a fronte augusta lhe esmagava.

Estrella errante no seu triste giro
No oceano apagou-se entre as borrascas;
Ninguem lhe ouviu o ultimo suspiro
Da agonia nas vascas.

Nenhum jazigo os restos seus consome
Na terra de seus paes;
Do grande vate só nos resta o nome,
E os cantos immortaes.

Doou-lhe o céo inspiração divina,
Engenho alto e pulcherrimo;
Mas ah! fadara-o sua triste sina
Dos entes o — *miserrim* —

IV

Nem uma cruz á beira do caminho,
Nem uma cova em pobre cemiterio,
Lhe permittiu o fado seu mesquinho
Por esse vasto imperio,
Cujas glorias cantou na lyra d'ouro,
E a quem legou de glorias um thesouro.

A patria pede um monumento ao vate
Que tanto a distinguio,
E seus brados no peito dão rebate
Do povo que os ouvio ;
Uma pedra siquer, que diga á historia,
Que diga aos estrangeiros :

« — Este padrão erguemos á memoria
Do primeiro dos vates brasileiros.
Mas aqui seu cadaver não repousa
Está vazia esta singela lousa.

O céo e o oceano,
Imagens do infinito, reclamaram
E para si guardaram
Os despojos do vate americano.
Do firmamento aos páramos formosos
Um nos roubou sua alma para Deus,
Outro lá nos abysmos temerosos
Esconde os restos seus.

Mas si a terra seus ossos não consome
Teve em partilha a gloria de seu nome. »
Mas ó vergonha ! ó crime !
Gloria, genio, infortunio, nada vale
Ao poeta sublime !

Pede o pejo, e o decoro que se cale
Tão feia ingratidão.
Mas ah! não posso, não; que a meu despeito
Nos labios ferve a voz do coração,
E rompe-me do peito,
Como um écho de horror descompassado,
Da indignação o brado.

Esses, que ás patrias glorias refractarios
De um nobre povo crêm-se mandatarios,
Negam uma homenagem
A quem já vive na posteridade,
A quem tem por pregão a eternidade,
E o mundo por menagem.

Ah! registre o Brasil em seus annaes
Mais este exemplo novo!
Falsos depositarios desleaes
Da vontade do povo

N'estes nefastos, miserandos dias,
Um simples preito ao genio recusaram,
Ao monumento de Gonçalves Dias
Uma pedra negaram.

ENDEREÇO AO EDITOR

Eis os cantos que d'alma me fugiram
No seio de meu ermo,
Quando um dia á ideia me acudiram
O triste fado, o desastroso termo
Do sabiá das terras brazileiras,
Do cantor mavioso das palmeiras.

Acceita agora estes singelos cantos,
Filhos do coração:
Foram d'alma exhalados entre prantos
Em minha solidão.

Mas dá-lhe azas ; faze com que corram
A's mais remotas plagas,
E não permittas que affogados morram
Pelas do olvido somnolentas vagas.

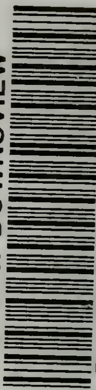
Cá d'estas broncas serras,
Onde nasceram, vôem pressurosos
E vão morrer dolentes, suspirosos,
Do Maranhão pelas formosas terras,
Berço do bardo illustre,
Que ás patrias lettras deu tamanho lustre.

Ouro Preto. Outubro de 1869.

FIM

Paris. — Typ. Garnier irmãos. 312.3.1900.




UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 02 02 05 001 2